



Neurociência

INTERFACES DIGITAIS PARA AS ARTES PROPORCIONAM INCLUSÃO

UNESP 40 ANOS
DEPOIMENTOS HOMENAGEIAM
UNIVERSIDADE

ATENTADOS DE PARIS
DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO QUE
CHOCOU O MUNDO



SCHOPENHAUER

em **dois** momentos

Ao articular, em 1818, o seu sistema filosófico em *O mundo como vontade e como representação*, Arthur Schopenhauer (1788-1860) contrapôs-se às correntes racionalistas do pensamento ocidental de então.

Em 1844, o autor alemão retorna às mesmas questões metafísicas de sua obra mais conhecida, agora mais maduro, expressando-se com mais liberdade e franqueza. O resultado é o *Tomo II*, que pode ser entendido como uma nova forma que filósofo encontrou para expor suas ideias, aproximando a metafísica da psicologia.

Tomo I

680 páginas | **R\$ 95**

Tomo II

810 páginas | **R\$ 118**



editora
unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br



Governador
Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Vice-reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



unespciência

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger,

David M. Lapola, Joedy Luciana Barros Marins Bamonte,

Leticia dos Santos Colombo, Ligia Maria Vettorato Trevisan,

Maria Chaves Jardim, Maristela Garmes, Oscar D'Ambrosio,

Paulo Cesar Cedran, Regianne do Nascimento Ferreira,

Rosane Borges, Sergio Luiz Cruz Aguilar, Sinésio Ferraz

Bueno (texto); Elias de Carvalho Silveira (Logotipo 40 anos);

Eliana Assumpção, Daniel Patire, Luiz Rocatelli/Arquivo

Cedem (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP

01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unesp-ciencia.com.br

revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Valorização do passado de olho no futuro

Criada há 40 anos, em 1976, a partir de institutos isolados de ensino superior que existiam em várias regiões do Estado de São Paulo, a Unesp é hoje uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras, com destacada atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à comunidade.

Nesta edição, mergulhamos um pouco nessa trajetória, conhecendo a criação do logotipo idealizado para as comemorações, criado por Elias de Carvalho Silveira, servidor técnico-administrativo da Unesp de Ilha Solteira. Temos ainda depoimentos de Ligia Maria Vettorato Trevisan, que atua na Fundação para o Vestibular da Unesp, uma homenagem aos 40 anos do curso de graduação em Ecologia da Unesp de Rio Claro e a Zé Ênio, que foi diretor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, além da foto que mostra o ato de entrega à Assembleia Legislativa Paulista do Projeto de Lei que propunha a criação da Unesp.

A reportagem de capa trata das possibilidades da inclusão graças ao encontro da arte com a tecnologia. O nosso Dossiê Afrodescendentes enfoca a questão da justiça, reconhecimento e desenvolvimento, assim como a volta dos mutirões das roças tradicionais.

Há ainda uma exposição de arte de egressos da Unesp de Bauru, resenhas sobre livros na área de antropologia, política e história, além de reflexões sobre meio ambiente, os recentes atentados de Paris, a inserção da mulher no sistema de seguridade brasileiro e um texto que pensa os caminhos da consolidação da universidade pública brasileira.

A revista **unespciência**, nessa caminhada rumo aos próximos 40 anos da instituição, precisa continuar a sua trajetória tendo como referência valores como interdisciplinaridade e criatividade. Somente assim, com trabalho obstinado e competente, poderá aproveitar oportunidades e criar possibilidades para seu crescimento.

16

HOMENAGEM

Zé Ênio, o Diretor
PAULO CESAR CEDRAN



1976
2016

unesp
UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA

40
anos

6

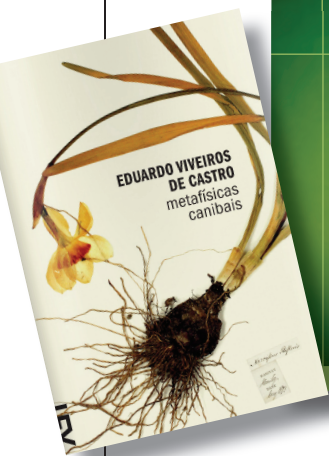
UNESP 40 ANOS

Conceito do logotipo
ELIAS DE CARVALHO SILVEIRA
Relato de uma caminhada
LIGIA MARIA VETTORATO
TREVISAN
40 anos do curso de
Ecologia de Rio Claro
DAVID M. LAPOLA

42

RESENHAS

O narcisismo epistêmico
elevado ao quadrado
SINÉSIO FERRAZ BUENO
Belíssimo e rigoroso livro
MARIA CHAVES JARDIM



JOSÉ ANTONIO SEGATTO

POLÍTICA,
RELAÇÕES SOCIAIS
E CIDADANIA



CONTRAPORTO

FOUNDATION
OF THE
UNIVERSITY
OF SAO PAULO

AMBIENTE

Proteção de
manancial de
abastecimento
público

14



18

INCLUSÃO

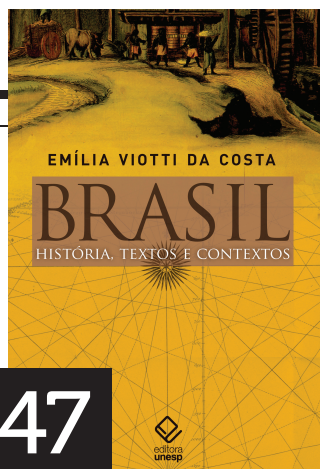
Encontro da Arte com a
Ciência e a Tecnologia
MARISTELA GARMES e OSCAR D'AMBROSIO



30

DOSSIÊ AFRODESCENDENTES

Justiça, reconhecimento e
desenvolvimento
ROSANE BORGES
A volta dos mutirões das roças
tradicionais na Comunidade de
Pedro Cubas, Vale do Ribeira – SP
REGIANNE DO NASCIMENTO FERREIRA



47

LEITURA

Emília Viotti investiga o passado para imaginar o futuro



41

SERVIÇO SOCIAL

Inserção da mulher no sistema de seguridade brasileiro



34

DOSSIÊ PARIS

O Estado Islâmico e o Terrorismo Internacional
SERGIO LUIZ CRUZ AGUILAR
A "nova" guerra ao terror
LETÍCIA DOS SANTOS COLOMBO



26

ARTE E CULTURA

Exposição Retornare reúne alunos formados pela Unesp
JOEDY LUCIANA BARROS MARINS
BAMONTE



50

OPINIÃO

Em prol da consolidação da Universidade Pública
DAGMAR APARECIDA CYNTHIA
FRANÇA HUNGER



48

FOTO DO MÊS

LUIZ ROCATELLI/ ARQUIVO CEDEM

Conceito do logotipo

DIZEM QUE A VIDA COMEÇA AOS 40...

1.



Com os pequenos erros de percurso, aprender a escolher ou trilhar o caminho certo...

2.



Selecionar o que de fato aconteceu e crescer exponencialmente...

3.



6 triângulos agora são 3 losangos. 3 figuras geométricas que simbolizam a estruturação triade, forte característica desta universidade:

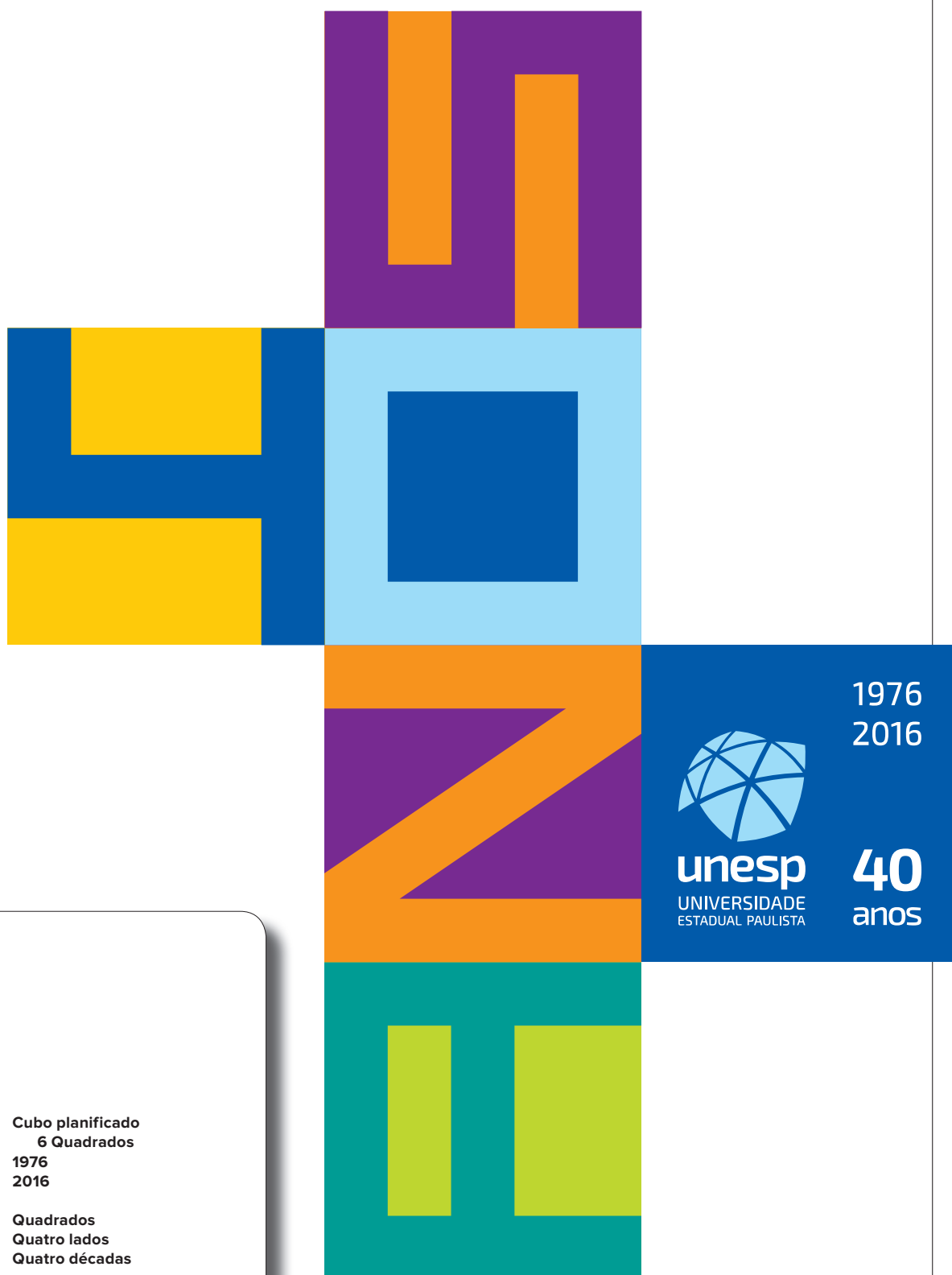
- ensino, pesquisa e extensão
- produção, articulação e difusão do conhecimento
- docente, discente e técnico administrativo
- biologia, humanas e exatas
- graduação, mestrado e doutorado

5.

4.



3 losangos, 4 lados, 4 décadas, nos apresentamos agora um cubo, hexaedro regular e também potência de 3, fazendo analogia ao crescer exponencialmente





© Daniel Patre



Ligia Maria Vettorato Trevisan possui graduação em Licenciatura em Química pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, mestrado em Ciências de Alimentos pela Unicamp e doutorado em Química pela USP. É professora livre-docente em Química Orgânica pelo Instituto de Química da Unesp, Câmpus de Araraquara, onde atuou de 1972 até 1994, em regime de dedicação exclusiva junto ao Departamento de Química Orgânica. Foi assessora-chefe da Assessoria de Relações Externas da Unesp de 1994 a 2001. Atualmente presta serviços à Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp) e à Qualitas – Consultoria em Educação e Saúde. Desde 2010 é coordenadora de Análise de Resultados do Saresp – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

Relato de uma caminhada

A ESCRITA DE UMA TRAJETÓRIA

E escrever sobre uma trajetória, que não é lá das mais curtas, não é simples. Afinal, somando tudo, foram 35 anos de Unesp. Agora tem mais 5, na Vunesp, onde a responsabilidade dobra: é uma fundação vinculada à Unesp, então, seu papel incorpora alguns requisitos. Vou me referir a três, que me parecem merecedores de destaque:

- o exercício da responsabilidade em uma instituição que funciona como porta de entrada da Universidade, por onde passam o desejo, o sonho e, agora, o direito de ingressar na Unesp;
- o exercício da medida perfeita, capaz de levar à conquista de uma posição no mercado de trabalho;
- a permanente guarda do vínculo com a Universidade, como parceria, como inspiração e, sobretudo, como referência, na conduta, no exercício da competitividade e no respeito à instituição pública à qual se vincula.

Estar na Vunesp – Fundação para o Vestibular da Unesp significa estar atento a esses requisitos. Sempre.

Não sei se sou aposentada. Sei que tenho vivido uma experiência forte. Intensa. Incrível. Prefiro me situar como alguém que esteve e mudou de lugar. Faz mais sentido para mim.

Estive no Instituto de Química de Araraquara. Lá aprendi a ser.

Estive na Reitoria. Aqui, aprendi a fazer mais, a conviver melhor e a enfrentar o desafio com mais coragem. Na Reitoria, tive pessoas que comigo colaboraram, sempre. Que me deixaram entrar e, em pouco tempo, assumir um cargo de primeiro escalão, sem exigir mais do que a minha condição de professora do Instituto de Química de Araraquara.

Deixa fazer um parágrafo aqui: com todo respeito a Araraquara, onde estudei, me diverti muito e até consegui um namorado que acabou se casando comigo, sempre gostei mais de ser do Instituto de Química da Unesp. Voltando à

Reitoria: professora do Instituto de Química de Araraquara, que manifestou publicamente sua confiança num programa de gestão da Unesp, que tinha como foco um salto de qualidade.

1993. Arthur Roquete de Macedo e Antonio Manoel dos Santos Silva. Aqui fiquei por duas gestões. Aqui convivi com pessoas que me ensinaram a ver um pouco mais adiante. Dois reitores. Pró-reitores e assessores. Diretores. Ah, saudade. Eram tantos, e tão diferentes. Ou tão iguais? Depende. Se olhasse as figuras, o jeito de andar, o jeito de chegar – fazendo piada, contando caso ou fazendo cobrança –, diferentes. Mas o olhar, esse não. Todos olhavam da mesma maneira: olhar de líder, de quem quer mais, de quem tem legitimidade. Fiz amigos. Parceiros de novos trabalhos. Aprendi a fazer mais. Muitas vezes, o aprendizado foi custoso. Aprendi a sofrer menos com o fracasso e a insistir na demanda.

Conheci a Unesp, muito mais. Que força ela tem. Quanta gente que a faz ser grande e cada vez mais importante. Progresso e avanço. Vale quanto pesa. A melhor lição de Unesp veio desses oito anos de Reitoria. E não vou esconder: na Reitoria aprendi a conhecer melhor o significado de algumas palavrinhas ou expressões com as quais minha familiaridade não era muito grande: empenho, controle, compromisso, diversidade, interesse, caráter, protocolo e cerimonial. Defender contra. Ciente e de acordo. Aqui por engano. Devolva-se à origem. Jogo duro, jogo limpo e jogo de cena. Chão de terra, de pedra e de areia. Trabalho e tarefa. Produção.

Na Reitoria, como disse, sempre tive colaboradores. Não me permito deixar de nomear, aqui, aqueles que me ajudaram na arex – Assessoria de Relações Externas. Inclusive como forma de referenciar aquele tempo: Regina, Carlinha e Valéria. Rosemary, Lucienne e Mara Lucia. Rosângela. Magali. Alécio e Liliam. Claudinha e Sandra. Evanir. Silvina, Maria Isabel, Celina, Izabel Cristina. Vladmir e Marcos. Miriam. Mar-



co. Inclusive como forma de lembrar e referenciar os tantos outros companheiros de Reitoria, com quem tivemos que nos associar para dar conta da Assessoria de Relações Externas. Conta, personalidade e identidade. Olho o passado e me alegro. Vaidade? Um pouco.

Hoje, mais distante, acompanho. Leio o noticiário, a Pesquisa Fapesp, o **Jornal da Unesp**, a **unespciência**. Vejo a Unesp na TV. A extensão que é braço do governo para executar políticas públicas, atender e assistir pessoas, a ciência que virou propriedade intelectual, patentes e fortaleceu os vínculos da Unesp com organismos internacionais.

A formação que espalha doutores e mestres por todo o Brasil. A formação que atende demandas dos diferentes setores da produção. A Universidade que entendeu, muito cedo, que o talento está também na sala de aula da escola pública. Entendeu e tratou de pensar e executar formas de identificar, incluir e formar o talento. Venha ele de onde vier. E deu certo. Vira e mexe tem jovem talento da Unesp ganhando prêmio. Dentro e fora do Brasil.

A Unesp que forma gestores para todas as esferas dos governos. E o capital humano, que eu chamo de Unesp sênior, que faz crescer a instituição privada de Educação Superior. Em todo o Brasil.

Trabalhar na Reitoria possibilitou entre tantas outras aprendizagens, o engajamento em programas de cooperação – PEC/Graduação – MEC, PET/CAPEs – MEC, e de avaliação da Educação Básica, INEP/MEC: PISA, Enceja e Enem. E aí está o fio condutor que me leva à Vunesp. Desde 2000.

Da experiência recente, na Vunesp, não posso abrir mão neste relato: mais significados de palavras do dicionário: inadiável, improrrogável, intransferível. Inédito e absolutamente na conformidade do edital. CRONOGRAMA. Vai custar um pouco mais... De jeito nenhum. Está

fora do seu orçamento.

Estou aprendendo a saber fazer. Nessas alturas da vida? E por que não? Juntei o passado, e todas as lições que dele guardei, admirei os colegas da Unesp fazendo gestão da Fundação, e considerei que dava para enfrentar mais alguns desafios: participar da consolidação da área da avaliação educacional de larga escala, na Vunesp, que até sete anos passados mais se dedicava a concursos e processos seletivos. Uma vez mais, para ali ser recebida, bastou a credencial da Unesp.

A avaliação educacional de larga escala tem me dado a oportunidade de olhar mais de perto a Educação Básica. Olhar não é bem o termo. A oportunidade é a de participar da organização e

TRABALHAR NA REITORIA POSSIBILITOU, ENTRE TANTAS OUTRAS APRENDIZAGENS, O ENGAJAMENTO EM PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO E DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

da execução de projetos que aferem, de forma isenta, justa e precisa, a quantas anda a Educação Básica em um dado município ou Estado.

Tem sido preciso estudar muito mais. Foi preciso aprender metodologia estatística de análise de provas! E não é que gostei? A ponto de fazer novos colegas, novos projetos e novos amigos. Trabalhar com a Educação Básica mexe com a alma do profissional da Universidade. Provoca inquietação.

A gente analisa resultados, pensa soluções, meios de aprimorar, de sanar deficiências, ou mesmo de resgatar a identidade. Da escola, do aluno e principalmente do professor. E relembra a primeira grande lição da Unesp: o trabalho conjunto é sempre mais frutífero. Pronto, vou ficando por aqui. Vira e mexe penso que preciso parar. Mas não sei. Tem alguma coisa que ainda não está pronta. Preciso caminhar! 



Vista do prédio
do Instituto de
Biociências da Unesp
em 1976 e (à dir.) a
mesma perspectiva
40 anos depois



© Arquivo



40 anos do curso de Ecologia de Rio Claro

EM 2016 O CURSO DE ECOLOGIA DE RIO CLARO, ASSIM COMO A UNESP, COMPLETA 40 ANOS. ESTE ARTIGO ABRE UMA SÉRIE COMEMORATIVA DE REPORTAGENS SOBRE O CURSO A SEREM PUBLICADAS AO LONGO DO ANO NA UNESPCIÊNCIA

O ano é 1976. O Brasil e o mundo ainda digerem as conclusões da 1.ª Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, acontecida em Estocolmo quatro anos antes e que representou um marco para a integração entre ecologia e desenvolvimento e inseriu efetivamente a questão ambiental na agenda política global. Considerações sobre uma matriz energética alternativa ganham folego com a aguda crise do petróleo, que elevou preços em até 400%. Por aqui o assunto era tratado de maneira ainda um tanto quanto esquizofrênica pela ditadura militar. De um lado a delegação brasileira na conferência de Estocolmo declara que “o Brasil está aberto à poluição, porque o que se precisa é dólares, desenvolvimento e empregos”. Mas por outro lado o governo também tenta acompanhar a maré verde mundial criando uma Secretaria Especial de Meio Ambiente, ligada ao Ministério do Interior. Os problemas ecológicos começam a abundar. A abertura da rodovia transamazônica, por exemplo, traz migração desordenada, desmatamentos e ou-

tros problemas socioambientais para a região norte do país.

É neste cenário que nasce, de maneira muito oportuna, o primeiro curso de graduação em Ecologia do Brasil, na ainda Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, alguns meses mais tarde Instituto de Biociências da Unesp, criada também naquele ano. Muito embora a ciência Ecologia, em sua concepção moderna, já existisse desde meados do século XIX (o termo ecologia foi cunhado pelo naturalista alemão Ernst Haeckel em 1866), foi só com a entrada do assunto na esfera política que o país viu a necessidade de formar profissionais nessa área. Desse modo, o curso de Rio Claro veio com a proposta pioneira de forte integração entre o conhecimento científico em ecologia e sua aplicação na solução e mitigação de problemas ambientais.

O CURSO DE ECOLOGIA DE RIO CLARO VEIO COM A PROPOSTA PIONEIRA DE FORTE INTEGRAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO EM ECOLOGIA E SUA APLICAÇÃO NA SOLUÇÃO E MITIGAÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS

As aulas para a primeira turma do curso de Rio Claro tiveram início em março de 1976, o que inequivocamente coloca a Unesp na vanguarda da ecologia brasileira. Nesses 40 anos o curso já formou um total de 681 ecólogos que atuam em institutos de pesquisa, universidades, órgãos de gestão ambiental, empresas privadas e organizações não governamentais. O curso de Ecologia da Unesp oferece aos seus alunos uma formação suficientemente abrangente e interdisciplinar que lhes permite por exemplo atuar na liderança de equipes multidisciplinares de avaliação de impactos ambientais, prover subsídios para políticas públicas ambientais, elaborar pesquisas de ponta em ecologia, ou atuar na gestão de áreas protegidas.

Também nesses 40 anos os problemas ambientais, tanto no Brasil como no mundo, se transfiguraram e se multiplicaram. O final da

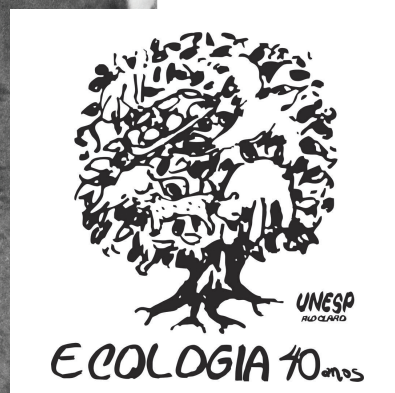


década de 80 e o início dos anos 90 foram de particular relevância para a área, seja com a publicação do relatório Nosso Futuro Comum, em que foi cunhado o termo “desenvolvimento sustentável”, seja com o grave acidente com o navio petroleiro Exxon Valdez no Alasca, ou com a realização da maior e mais bem-sucedida reunião da ONU sobre meio ambiente – a Rio 92.

O curso acompanhou essas tendências no momento certo, passando por um significativo processo de reestruturação nessa época. Com isso imprimiu-se uma componente muito forte de aulas e trabalhos em campo com os alunos e estágio obrigatório, considerando que a vivência fora da sala de aula é chave para um aprendizado efetivo e para a formação de um ecólogo com excelência profissional.



© Arquivo



Primeira turma de alunos do curso de Ecologia ingressante em 1976: momento decisivo para os rumos da Ecologia no Brasil e no mundo

Nos anos 2000 o assunto entra, de maneira definitiva, no domínio das corporações: empreender ações ambientais e minimizar impactos é visto não apenas como uma maneira de atender à crescente e exigente legislação ambiental do país, mas também de otimizar custos e conquistar mais consumidores. Com isso outras seis graduações em Ecologia são criadas em outras universidades, assim como outros cursos afins ao de Ecologia, como por exemplo os cursos de Gestão Ambiental e Engenharia Ambiental. A concorrência por alunos entre cursos se acirra.

Entretanto, o curso de Ecologia de Rio Claro continua a oferecer aos seus alunos o que talvez nenhum outro curso de graduação no Brasil – país com a maior biodiversidade do mundo – ofereça: o melhor e mais sólido co-

nhecimento sobre o funcionamento dos ecossistemas e suas componentes, em diferentes escalas, desde uma molécula, até a biosfera; além de relacionar isso com aspectos socio-político-econômicos. Isso torna a graduação em Ecologia da Unesp um curso diferenciado, uma verdadeira joia rara entre os cursos de graduação no Brasil, provendo aos alunos um conhecimento ecológico ao mesmo tempo aprofundado mas estrategicamente amplo, que permite a resolução/mitigação de questões ambientais de maneira integrativa e interdisciplinar. O desastre minerário da Samarco em 2015 nos mostra que o Brasil ainda precisa muito dos profissionais formados por esse curso. Então, parabéns à Ecologia de Rio Claro, e que venham mais 40 anos e mais Ecólogos Unespianos. 



David M. Lapola é professor assistente do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da Unesp em Rio Claro, onde coordena o curso de graduação em Ecologia.



© CBH-Pontal do Paranapanema/Facebook

Proteção de manancial de abastecimento público

AÇÃO É INTEGRADA À FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO

O Comitê da Bacia Hidrográfica do Pontal do Paranapanema (CBH-PP) vem desenvolvendo várias ações nos últimos anos para a proteção do manancial Rio Santo Anastácio, contando com o apoio da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp, CTH/DAEE (Centro Tecnológico de Hidráulica/Departamento de Águas e Energia Elétrica), Codasp (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo), Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), SMA (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo), SAA (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo), entre várias outras instituições.

Como continuidade a essas ações e em comemoração à Festa Anual das Árvores, mais

conhecida como Dia da Árvore, de acordo com o Decreto Federal 55.795/1965, o CBH-PP, através de sua Câmara Técnica de Educação Ambiental, realizou um evento no dia 21 de setembro de 2015, no Centro Comunitário “Ataliba Rodrigues Filho”, município de Anhumas-SP, com apoio de DAEE, Unesp, Prefeitura Municipal de Anhumas, SMA, Cetesb, Associação dos Produtores Rurais de Anhumas, Pontal Flora, IPÊ e de várias outras instituições que participam deste colegiado.

No evento foram apresentados projetos de recuperação de áreas de preservação permanente (APPs) para cinco propriedades rurais localizadas na bacia do manancial Rio Santo Anastácio, um dos mananciais de abastecimento público de Presidente Prudente. Esses projetos foram elaborados pelos alunos das

disciplinas Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas e Gerenciamento de Recursos Hídricos, ministradas no 5º ano do curso de Engenharia Ambiental da FCT/Unesp, sob a supervisão dos professores Antonio Cezar Leal e Renata Ribeiro de Araújo.

Na perspectiva de formação dos alunos como profissionais que possam atuar nos sistemas de gestão ambiental e de gerenciamento de recursos hídricos e de subsidiar ações concretas dos órgãos gestores para a recuperação de áreas degradadas, e tendo a extensão universitária como força motriz desse processo, foi articulado um plano de trabalho com o CBH-PP, incluindo reuniões para seleção de área de estudo, discussão de prioridades, orientações técnicas sobre o funcionamento dos órgãos gestores e de fontes de financiamento para os projetos.

Organizados em grupos, os alunos realizaram vários trabalhos de campo, contatos com os proprietários rurais e com técnicos municipais e estaduais para subsidiar a elaboração dos projetos, que foram apresentados em seminário realizado na sede do CBH-PP, para avaliação prévia e sua formatação final.

Encerrando-se as disciplinas, as ações de extensão continuam em desenvolvimento pelos docentes e pelas alunas Aruanã Bittencourt Manzano e Juliana Velani Sant'Anna, como trabalho de conclusão de curso, de forma integrada com os órgãos gestores para unificação dos projetos e busca de financiamento.

Assim, através do Ministério Público Estadual e da Cetesb, foi realizado um Termo de Compromisso de Recuperação Ambiental (TCRA) com um empreendedor para a execução dos projetos de restauração ecológica nas cinco propriedades rurais na margem esquerda do manancial Rio Santo Anastácio, incluindo reflorestamento de 10 hectares de mata ciliar, com mudas de essências florestais de ocorrência regional, e o isolamento das APPs, com aproximadamente 11 km de cercas, com valor total de aproximadamente R\$ 330.000,00.

No evento comemorativo do Dia da Árvore,

também foram realizadas palestras sobre a importância do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e do Ato Declaratório para Cadastramento e Outorgas de Uso de Recursos Hídricos em Áreas Rurais, bem como apresentadas as propostas de investimentos para as áreas estudadas e realizado plantio de mudas em Anhumas.

Os proprietários rurais presentes no evento foram esclarecidos sobre os resultados dos estudos e dos investimentos a serem feitos, manifestando sua anuência para a execução dos projetos de restauração ecológica em suas propriedades rurais.

Em decorrência dessas ações, outros proprietários rurais presentes ao evento, manifestaram interesse e solicitaram que os mesmos estudos sejam feitos em suas propriedades, na perspectiva de serem recuperadas as áreas degradadas.

PLANO INCLUI SELEÇÃO DE ÁREA DE ESTUDO, DISCUSSÃO DE PRIORIDADES E ORIENTAÇÕES TÉCNICAS SOBRE ÓRGÃOS GESTORES E FONTES DE FINANCIAMENTO

Dessa forma, novo grupo de alunos de graduação foi formado para a realização desses estudos, mantendo-se a parceria com o CBH-PP e demais órgãos gestores para que os projetos a serem elaborados também se transformem em ação efetiva na bacia hidrográfica do manancial, visando maior produção de água para abastecimento público e a formação de profissionais nessa vivência institucional integradora e mobilizadora.

Esses estudos estão em sintonia com várias ações em andamento na FCT/Unesp, envolvendo pesquisas em vários níveis integradas ao Grupo de Pesquisa em Gestão Ambiental e Dinâmica Socioespacial (Gadis), aos cursos de graduação em Geografia e Engenharia Ambiental e ao Programa de Pós-graduação em Geografia (mestrado e doutorado acadêmicos e mestrado profissional), com apoio de Proex/Unesp, CNPq, Capes, Fapesp e Fehidro. 



Zé Ênio, o Diretor

TEXTO LEMBRA OS QUATROS ANOS DO FALECIMENTO DO PROFESSOR JOSÉ ÊNIO CASALECCHI



Paulo Cesar Cedran é Mestre em Sociologia, Doutor em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara, supervisor de Ensino da Diretoria de Ensino – Região de Taquaritinga, docente do Centro Universitário Moura Lacerda de Jaboticabal e Uniesp – Taquaritinga.

Foi quase impossível continuar a leitura do jornal *Folha de S. Paulo* de 26 de fevereiro de 2012, quando vi no obituário estampado o nome do professor José Ênio Casalecchi (1938-2012). Um turbilhão de imagens veio a minha mente e deste a memória de um único e inesquecível encontro que tive com o professor na época diretor da Unesp – Câmpus de Araraquara. Neste câmpus cursava Ciências Sociais desde 1987. Meio ao estilo da própria *Folha de S. Paulo* e parafraseando a coluna da ilustríssima Arquivo aberto – Memórias que viram Histórias, tomei a liberdade de externar aos leitores o encontro de um jovem aluno de Ciência Sociais, que meio ressabiado foi procurar a direção da faculdade para obter uma declaração de aluno regularmente matriculado e poder continuar ministrando aulas em caráter excepcional na rede estadual de ensino, o que já vinho fazendo desde 1988.

Rapidamente, após a leitura do jornal, mirei em minha pouco organizada biblioteca a estan-

te dedicada a história e certo localizei dentre os exemplares da coleção Tudo é História, da Editora Brasiliense, o exemplar intitulado *A proclamação da república*, de autoria do professor José Ênio Casalecchi.

Agora, olhando para a primeira página já amarelada, pude reler a dedicatória que o professor escreveu: “Ao Paulo, com votos de um ‘bom’ 1990 e um abraço do Zé Ênio. 21-12-89”.

Esta dedicatória neste exemplar fez crescer ainda mais minha admiração e respeito pelos professores que nos formaram na Unesp. Posso dizer com certeza que esta é a maior riqueza que obtive em minha vida.

Mas como aconteceu esse encontro? Foi mais ou menos assim: meio acabrunhado cheguei à sala da direção e fui recebido pela secretária do diretor, que após ouvir minha solicitação disse: Não sei, não, se o professor vai poder lhe ajudar. Mas mesmo assim me acompanhou até a sua sala e o medo ficou ainda maior. Falar com



© Eliana Assumpção

o diretor nunca foi uma tarefa agradável desde meus tempos de ginásio e colegial. A figura do diretor impunha respeito e, naquela época, medo.

Entrei e após um afetuoso aperto de mãos o professor perguntou o que eu queria. Balbuciei a minha situação, sabendo que mesmo estando na véspera do Natal precisava daquela declaração para trabalhar.

Assim que apresentei meu pedido um largo sorriso apareceu em meio a uma barba já grisalha e acredito que tendo percebido meu estado de medo respondeu: Isso não é problema, peço à secretária que datilografe a declaração, assino e tudo está resolvido.

Para me deixar mais à vontade até que a declaração fosse providenciada o professor perguntou: Então você pretende ministrar aulas de história? Eu respondi: Sim, já é o segundo ano que faço isso. Que bom, ele me respondeu. Tão jovem e já em sala de aula. Eu disse: Gosto muito mesmo de dar aulas. Nesse momento o professor

levantou-se e procurando numa estante disse: Vou lhe presentear com um exemplar de um livro meu, pois também sou professor historiador. Perguntou ainda onde eu morava, e meio envergonhado eu disse: Na cidade de Dobrada, o senhor conhece? Assim ele me respondeu a

(à esq.) José Ênio Casalecchi (1938-2012),
(à dir.) Câmpus de Araraquara

O MEDO DE FALAR COM O DIRETOR TRANSFORMOU-SE NUMA ETERNA GRATIDÃO

boca pequena: Conheço a fazenda Estiva, fiquei um tempo meio exilado por lá, sabe, o regime militar...

Assim, com a declaração em punho e seu livro autografado, fui embora muito agradecido e o medo de falar com o diretor transformou-se numa eterna gratidão, que hoje compartilho com todos que tiveram o prazer de conhecer e conviver com o professor José Ênio Casalecchi. 



Encontro da Arte com a Ciência e a Tecnologia

INTERFACES
FÍSICAS E
DIGITAIS SÃO
DESENVOLVIDAS
NO INSTITUTO
DE ARTES DA
UNESP

Dedicado ao desenvolvimento de tecnologias assistivas dirigidas à arte, o projeto “Interfaces físicas e digitais para as artes: da difusão à inclusão”, coordenado por Rosangella Leote, professora do Instituto de Artes (IA) da Unesp em São Paulo, proporciona a pessoas com diversas deficiências de movimento e incapacidade de fala a possibilidade de produção de atividades artísticas, seja nas artes plásticas, cênicas, sonoras ou outras manifestações, por interfaces, como o Kit Facilita, desenvolvido em projeto colaborativo, por Acordo de Intercâmbio Internacional entre Brasil (Unesp) e Espanha (Universidade de Barcelona – UB), e o projeto ARTIA, que está sendo desenvolvido no Brasil, em parceria entre a Unesp e a Unicamp, por meio de seus Institutos de Artes, cujas finalidades são similares.

Entre os objetivos está, com base na Neurociência, entender e ampliar o espaço perceptivo para o desenvolvimento e para a fruição da

arte (analógica e/ou digital em modalidades diversas, conforme o interesse dos artistas com ou sem necessidades especiais). Este trabalho acontece no GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia, certificado pela Unesp junto ao CNPq.

PROPÓSITO E DESAFIO

O projeto se destina a fornecer tecnologia assistiva, de código aberto, com possibilidades escalonáveis de funcionalidades. O usuário, ou seus familiares e cuidadores, terá acesso aos manuais e rotinas para montagem de seus dispositivos, sem nenhum custo destinado ao projeto, operando no modelo “do it yourself”.

Um dos desafios no processo é conciliar a tecnologia aberta com recentes aplicações de biossensores, especialmente os neurosensores, visando a utilização do cérebro para ações sem realização de movimentos por parte do usuário.

Teste com a jornalista
Samara Andressa Del
Monte foi o mais bem-
-sucedido

O projeto, nesse sentido, proporciona o diálogo entre multissensorialidade e multimodalidade para, por meio de ferramentas como o Kit Facilita e o ARTIA, proporcionar criação. “Gera assim interação de sujeitos, vinculando arte, ciência e tecnologia num contexto inclusivo”, diz a professora Rosangella.

O projeto engloba cinco subprojetos, como o “Criar sem limitações: Arte e tecnologia”, da Dra. Ana Amália Tavares Bastos Barbosa, brasileira, que realiza pós-doutoramento no IA (Bolsa CAPES PNPd), e o “Kit Facilita – Projeto de Pesquisa e Inovação em Interfaces Assistivas de Baixo Custo” (<http://www.mobilitylab.net/facilita/>), desenvolvido pelo Dr. Efraín Foglia, espanhol da Universidade de Barcelona, com colaboração do Dr. Josep

com sucesso: em 9 de julho de 2015, em Lisboa, com Pedro Almeida, artista português que sofre de degeneração precoce; em 16 de julho de 2015, em São Paulo, com a artista e arte-educadora Dra. Ana Amália Tavares Bastos Barbosa, que sofre de Síndrome de Locked-in (doença neurológica rara, em que ocorre paralisia de todos os músculos do corpo, com exceção dos músculos que controlam o movimento dos olhos ou das pálpebras e, na maioria dos casos, impede a fala), que vem aplicando as interfaces na arte-educação e na própria produção artística; em 15 de agosto de 2015, com Samara Andressa, jornalista paulistana, com paralisia cerebral.

Após esta sequência de testes, iniciaram, em 29 de outubro de 2015, testes/treino com as crianças e adolescentes da Fundação Nosso Sonho, em São Paulo, entidade filantrópica que promove a inclusão social de crianças e jovens com paralisia cerebral, onde Ana Amália desenvolve sua prática didática de arte. Os resultados com os adolescentes vêm criando altas expectativas quanto ao sucesso do trabalho.

Os testes na Espanha, realizados com pessoas sem necessidades especiais, apenas para a aferição dos modelos de calibragem e respostas do protótipo ao movimento ocular, também resultaram positivos.

TECNOLOGIA

O desenvolvimento do protótipo Kit Facilita (www.mobilitylab.net/facilita/), que opera com o rastreamento de movimentos dos olhos, foi desenvolvido com tecnologia reversa e customização de interfaces já disponíveis no mercado e com código aberto. Isto permitiu realizar mais rapidamente o trabalho. Para os realizadores do projeto, não fazia sentido desenvolver “do zero” um similar a uma solução já existente.

Foi, então, adquirido o dispositivo Pupil Dv (www.pupil-labs.com), que tem tecnologia aberta, para fazer a customização pretendida, usando a programação Pure-data. A partir daí a primeira etapa do Kit Facilita se concretizou. O dispositivo se mostrou muito eficiente na operação com projeção sonora. Isso permite

OS TESTES NA ESPANHA, REALIZADOS COM PESSOAS SEM NECESSIDADES ESPECIAIS, APENAS PARA A AFERIÇÃO DOS MODELOS DE CALIBRAGEM E RESPOSTAS DO PROTÓTIPO AO MOVIMENTO OCULAR, TAMBÉM RESULTARAM POSITIVOS

Cerdá i Ferré (UB). Este subprojeto também é de pós-doutoramento. Ambos estão sob a supervisão da professora Leote.

O maior desafio, entretanto, foi desenvolver um projeto de tal natureza dirigido e originado na área de artes. Não há nenhum outro projeto desta natureza no Brasil e talvez até no Exterior.

Sem verba, foi necessária a montagem de uma equipe interdisciplinar por engajamento político-social além do artístico. Alguns dos participantes do projeto, que não são da Unesp, não têm salários nem há patrocínio ou custeio de agências de fomento. A Unesp, através da Pró-reitoria de Pesquisa (Prope – edital 16/2013) custeou a compra de uma parte dos componentes. O restante foi obtido com aquisições feitas pelos membros da equipe.

TESTES

Os pesquisadores já realizaram vários testes



ao usuário combinar sons, e até produzir música a partir de células gravadas de sequências musicais, ou comunicar-se com frases simples, como: “estou com fome”, “sim”, “não” e outras.

Sua principal qualidade hoje é a de fazer soar arquivos, que estão no computador, disparados a partir de inputs de marcadores que podem estar distribuídos pelo ambiente do usuário. O usuário pode, da mesma maneira, fazer reproduzir trechos de música, falas teatrais, vídeos e outros outputs com base em arquivos.

Um objetivo é prosseguir na evolução do kit para um protótipo de comunicação, falada e/ou digitada, através de até 64 marcadores de tamanhos diversos, quantidade que o dispositivo hoje pode ler. É possível criar, por exemplo, um teclado físico ou projetado, o que facilitaria a ação de pessoas que têm muita dificuldade de controle dos movimentos da cabeça, como uma grande parte dos paráliticos cerebrais. Como é um kit com propósito expansível modularmente, ele poderá servir para inúmeras outras aplicações.

Para resolver as dificuldades encontradas por Ana Amália para a aplicação de seus

workshops de arte, com o uso do dispositivo (conforme o plano de trabalho do seu PD), foi utilizado, além do kit, o dispositivo Eyewriter (www.eyewriter.org), que também é tecnologia aberta, para testar suas vantagens para esta finalidade específica.

O projeto prevê a utilização de ondas cerebrais para a comunicação com o computador,

Teste realizado com Ana Amália (à esq.)

O USUÁRIO PODE REPRODUZIR TRECHOS DE MÚSICA, FALAS TEATRAIS, VÍDEOS E OUTROS OUTPUTS COM BASE EM ARQUIVOS

especialmente para os casos mais críticos. Em relação à tecnologia utilizada, foi utilizado, inicialmente, o Epoc/Emotiv, dispositivo leitor (neurossensor) e conversor de ondas cerebrais em informação digital, para criar condições para o desenvolvimento de obras de arte pelos artistas escolhidos.

Após os primeiros testes feitos, com o software Pure-data controlando o dispositivo, foi possível criar comandos sonoros com a



GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia em teste com a jornalista Samara, com paralisia cerebral

ativação das ondas cerebrais. Mas observamos que as operações com o dispositivo eram muito limitadas para as nossas intenções. “É uma ótima interface para games e outras situações de interação onde o detalhamento e a ordenação de sinais muito rápidos e quase simultâneos não são necessários. Ocorre que é a precisão que precisamos para o público que enfocamos”, conclui a docente.

UMA DIFICULDADE A SER RESOLVIDA NAS PRÓXIMAS ETAPAS DO PROJETO É A NECESSIDADE DE AFINAÇÃO DO DISPOSITIVO PARA CADA USUÁRIO

O Epoc/Emotiv (<https://emotiv.com/>) tem a tecnologia parcialmente aberta. Assim, não se tinha acesso a modificações mais incisivas, para que se pudesse customizá-lo de acordo com as especificidades do nosso trabalho”, conta. “A versão que utilizamos foi a educacional, que tem mais possibilidades de modificação do que a versão completa.”

Por essa razão, foi elegido outro equipamento, o OpenBCI (<http://www.openbci.com>), para a próxima etapa do trabalho, pois ele tem as tecnologias de hardware e software abertas, tanto quanto compatibilidade com o Pure-data. Sua função é, basicamente, a mesma do Epoc/Emotiv, mas aberta é customizável, fornece maior liberdade para as aplicações. “Isto percebido, a interface pode ser usada em espetáculos de dança, teatro ou música. Os dados sonoros podem ser substituídos por visuais, então o processo pode ocorrer misturando diferentes outputs além das ações na tela do computador, explica a docente do IA.

Embora haja disponíveis EEGs mais poderosos e de alta resolução e acuidade de leitura, estes não são acessíveis para a customização, ou para o acesso em amplitude social, tanto quanto não podem ser adquiridos dada a falta de financiamento que hoje o projeto tem.

AÇÕES

O projeto, até o presente momento, utilizou o laboratório de Arte e Tecnologia do IA, para

identificação das práticas e tecnologias utilizadas no desenvolvimento de seus produtos, bem como para desenvolvimento de nossos projetos e aplicações das oficinas. A professora Rosangella também realizou visitas de estudo, aferição e desenvolvimento de obras colaborativas na Universidade de Barcelona, no grupo de pesquisa que ela integra – Barcelona Recerca, Art y Creació - BR:AC (UB) – e no Mobilitylab (mobilitylab.net), do qual fazem parte Efraín Foglia, designer do Kit Facilita, e o engenheiro de computação Jordi Sala, responsável pela programação do protótipo.

Durante o processo houve, no Brasil, a produção de uma análise comparativa quanto à eficiência dos recursos tecnológicos digitais assistivos que vêm sendo produzidos ou pesquisados e que estão voltados às necessidades do público alvo deste projeto; assim como a produção de obras plásticas, em oficinas, utilizando interfaces assistivas, envolvendo, também, a participação de pessoas que não têm limitações de movimento, como estratégia de facilitar o reconhecimento da problemática que o projeto envolve.

DIFICULDADES

Uma dificuldade a ser resolvida nas próximas etapas do projeto é a necessidade de afinação do dispositivo para cada usuário. O ideal seria que cada participante do projeto tivesse um dispositivo destinado a si. Numa situação controlada, como o laboratório ou uma sala de aula, isto é possível fazer sem maiores problemas, as respostas são mais garantidas. Entretanto, de um espaço do espetáculo, por exemplo, com toda a pressão psicológica que costuma haver, para qualquer artista mesmo sem deficiências, não é possível garantir que os estímulos exteriores não comprometam a ação do usuário caso haja um roteiro rígido pré-fixado. “Assim, qualquer trabalho neste campo deve ser experimental e permitir a incorporação do aleatório”, aponta a pesquisadora.

No caso de Ana Amália, o principal problema é que ela não teve a destreza necessária para a utilização do Kit com o olho direito

Embora ela tenha conseguido operar o equipamento, sua instabilidade motora do olho faz com que o ajuste se perca. Assim, foi iniciada uma alteração do programa e do design, para seu uso mais confortável, inclusive alterando a câmera para que possa fazer a leitura do olho esquerdo.

Os testes mostraram plausibilidade de sucesso do novo protótipo. “As pessoas que não possuem problemas de comunicação, e que usaram o Kit Facilita, relatam simplicidade na utilização do mesmo, mas incômodo com a existência dos óculos. O mesmo se dá com as deficientes. Isto é uma questão a ser levada para a continuação desta pesquisa”, aponta Rosangella.

GRUPO VEM, POR VÁRIOS PROCESSOS, PRODUZINDO OBRAS COM O INTUITO DE ENCONTRAR POÉTICAS COMPARTILHÁVEIS E FRUÍVEIS

RESULTADOS

Todos os testes a aplicações da interface Kit Facilita apresentaram funcionamento. O teste aplicado em Portugal, na Fundação Liga Liga (www.fundacaoliga.pt), com Pedro Almeida, que é portador de degeneração precoce, deu ótimo resultado, levando à elaboração de processo criativo para artes cênicas (dança) e artes sonoras, naquela fundação.

Na Casa das Artes dessa Fundação, além do teste com o Kit Facilita, foi possível conhecer um espaço para atividades colaborativas de produção e realização artística a distância, inclusive em tempo real. “Neste caso, nossa parceria prevê desenvolvimento de obras cênicas, junto ao grupo de dança Plural, que tem bailarinos com e sem necessidades especiais, ao modo de valorização das atividades artísticas de todos”, manifesta a pesquisadora brasileira.

Dos testes realizados no Brasil, com Ana Amália Barbosa e Samara Andressa Del Monte, o da jornalista Samara, com paralisia cerebral, foi o mais bem-sucedido. “A aplicação do Workshop para crianças com paralisia cerebral,



Empenho é para continuar trabalho com Kit Facilita e BCI (leitor de ondas cerebrais)

na Fundação Nosso Sonho (SP), por Ana Amália, em 28 de outubro de 2015, mostrou que se está no caminho certo”, avalia Rosangella.

PRÓXIMAS ETAPAS: ARTIA

“Diante das dificuldades encontradas com a interface Kit Facilita, até o momento, para as funções gráficas, será necessário desenvolver

UMA DAS PRÓXIMAS AÇÕES SERÁ CRIAR UM PROJETO DE CROWDFUNDING A FIM DE BUSCAR A COLABORAÇÃO FINANCEIRA NECESSÁRIA PARA DESENVOLVER E AMPLIFICAR AS AÇÕES

outra solução, para outros casos, desta vez com o design realizado pelos brasileiros. Isto não modifica, porém, nosso empenho para continuar nosso trabalho, tanto com o Kit, como com o BCI (leitor de ondas cerebrais)”, conclui a pesquisadora do IA.

Para as próximas etapas, a curto prazo, o engenheiro de sistemas Dr. Daniel Paz es-

tá utilizando o Pupil Dv, com programação Processing. Alguns testes, nesse sentido, mas usando componentes avulsos, foram feitos pelo Dr. Renato Hildebrand, ambos são da Unicamp e membros do GIIP.

O Grupo vem, por vários processos, produzindo obras com o intuito de encontrar poéticas, compartilháveis e fruíveis, apoiadas menos no espaço subjetivo das experiências do artista e muito mais em conhecimentos científicos, com grande ênfase na Neurociência.

Assim, é imperativo o uso de biossensores, especialmente os de ondas cerebrais, para a continuidade do projeto.

Por isso, a etapa a médio prazo, estudam a aplicação do enfoque no uso do OpenBCI, visando o desenvolvimento do projeto agora nomeado ARTIA. Este não é uma substituição ou continuação do Kit Facilita, mas uma proposta paralela, cuja missão é trabalhar de duas maneiras desenvolvendo dois protótipos: o ARTIA-V e o ARTIA-C.

O primeiro para ações com rastreamento ocular, visando escrever, desenhar, pintar e



© Divulgação

projetar esculturas para serem impressas em 3D, gerando protótipos para as obras, que seriam construídas por pessoas contratadas ou parceiros de criação. O segundo, para a utilização de ondas cerebrais com finalidades similares e também aplicações com sons e imagens fora do computador, visando obras artísticas experimentais e processuais.

Pedro Almeida, artista português que sofre de degeneração precoce

CROWDFUNDING

Enquanto a investigação não é suficientemente reconhecida e patrocinada pelas agências de fomento, uma das próximas ações será criar um projeto de crowdfunding a fim de buscar a colaboração financeira necessária para desenvolver e amplificar as ações, disponibilizando para a sociedade a possibilidade da inclusão, pela arte, a todos os sujeitos. Aqueles sem movimentos físicos e de fala, bem como aqueles que sem tais dificuldades quiserem usar tais dispositivos em parceria com aqueles ou individualmente. A Arte é livre e, mesmo sem os recursos adequados, se produz”, provoca Rosangella. 

SOBRE A COORDENADORA GERAL
Rosangella da Silva Leote é artista/pesquisadora multimídia; Pós-doutora na Universidade Aberta (Lisboa-PT – Bolsa FAPESP); Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP – CNPq). Integrante de Comitês Científicos/Editoriais e Associações nacionais e internacionais. Coordena o PPG em Artes – IA/UNESP. Atua com Instalações Multimídias Interativas (SCIArts-Equipe Interdisciplinar – Prêmio Sergio Motta 2000 e 2005); em tecnoperformances; esculturas sonoras; objetos interativos e vídeos. Possui prêmios e várias publicações na área. Tem alta atuação em Pesquisa e Extensão em Arte/Ciência/Tecnologia, que resultou em exposições, seminários e congressos nacionais e internacionais que contribuem para a divulgação e fortalecimento da Pesquisa e inovação brasileira.

e-mail: rosangellaleote@gmail.com



PARA SABER MAIS

Os vídeos dos testes em versões não editadas estão em:

Teste Andressa: <https://goo.gl/VML5LI>

Teste Ana Amália: <https://goo.gl/NVOCn>.

Exposição Retornare reúne alunos formados pela Unesp

MOSTRA
OCORREU NA
GALERIA DA
PINACOTECA
MUNICIPAL DE
BAURU

A exposição Retornare, com Andrey Rossi, Anny Lemos, Júnior Suci e Michael Jorge Silva, todos egressos do Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (hoje Curso de Artes Visuais) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru, realizaram exposição de 2 de dezembro de 2015 a 18 de janeiro de 2016, na Galeria da Pinacoteca Municipal de Bauru.

Eles participaram de uma mesa-redonda dia 27 de novembro durante o evento do Curso de Artes Visuais, IX Encontro de Arte e Cultura: Provocações Estéticas – a cidade como experiência visual, organizado pelas Profas. Dras. Joedy Luciana Barros Marins Bamonte e Eliane Patrícia Grandini Serrano, que aconteceu em parceria com o Sesc Bauru.

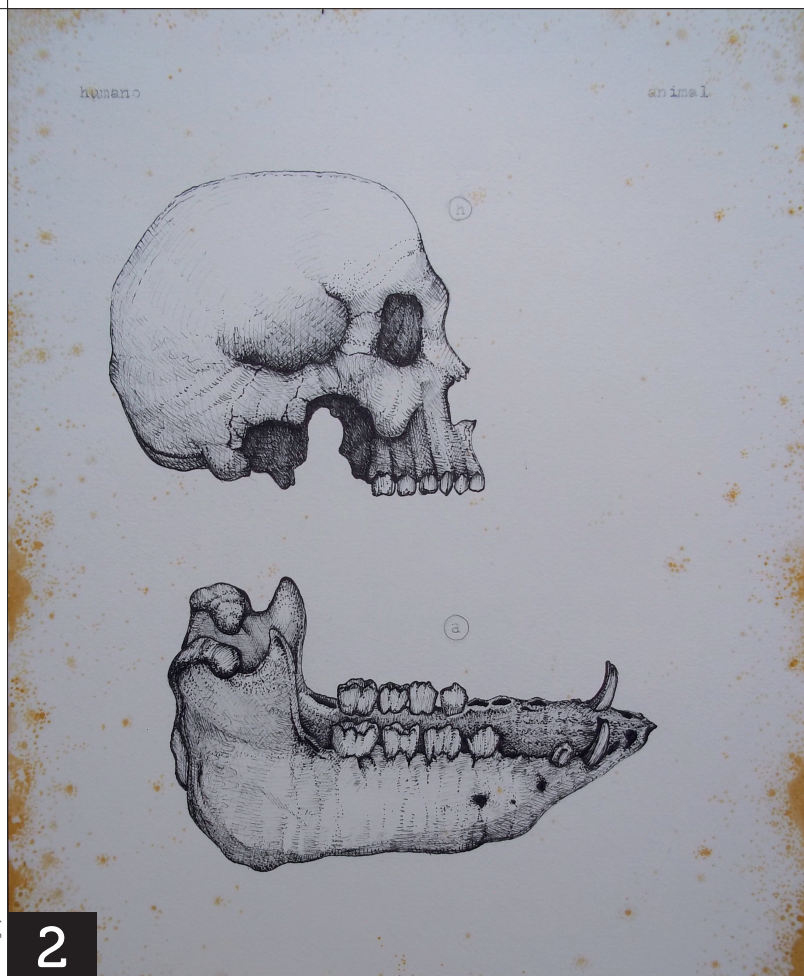




Dual, por Michael
Jorge Silva, 2015 (Óleo
sobre tela, 100 x 80 cm)



1



2

1 *Efeito Hélio*, por Anny Lemos, 2014 (Acrílica sobre bandeja de madeira, 30 x 44 cm)

2 *Mimetismo*, por Andrey Rossi, 2014, (Sanguínea, caneta esferográfica e tinta óleo sobre papel, 36,5 x 45 cm)

3 *Fiquei de Bem Comigo*, por Júnior Suci, 2013 (Grafite sobre papel, 30 x 21 cm)



3

TEXTO DA PROFA. DRA. JOEDY LUCIANA BARROS MARINS BAMONTE, CURADORA DA EXPOSIÇÃO E PROFESSORA DA UNESP DE BAURU:

Retornare é a origem latina de retornar, regressar, voltar. Traduz a constância da vida, de saborear permanências, sentir, pisar novamente o mesmo chão, rever-se, rever o outro, rever-se no outro. Nessas experiências, reencontramo-nos. Trazer Andrey Rossi, Anny Lemos, Júnior Suci e Michael Silva a Bauru é lidar com essas ações. Observar suas obras é proporcionar o silêncio para a alma digerir preciosidades tecidas pelo tempo.

Desde o ingresso de cada um deles no Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (hoje Curso de Artes Visuais), da Faculdade de Arquitetura, Arte e Comunicação (Unesp de Bauru), até os dias atuais, passaram-se anos de dedicação, pesquisa, procura, em uma intensa entrega que traduz a necessidade da arte por traduzir o mundo tornando-o mais sensível.

Na presente exposição, vemos em cada um de nossos egressos o impulso criativo, visceral que alimenta a arte. Hoje são artistas que têm alcançado projeção nacional e internacional, atuando no mercado de arte, na pesquisa acadêmica, na docência. As sementes germinaram em terra boa, os frutos comprovam. E somos gratos por compartilhá-los conosco. Bauru está feliz em recebê-los.

A todos os visitantes,
Bem vindos à fruição do reencontro.



© Haiti/Logan Abassi/ONU/MINUSTAH

Artigos discutem Década Internacional

O COMPONENTE
INFLAMÁVEL
DA POLÍTICA
GLOBAL
CONTEMPORÂNEA

JUSTIÇA, RECONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO

ROSANE BORGES

Como sabido, o título deste artigo é o tema da “Década Internacional dos Afrodescendentes”, instituída pelas Nações Unidas, cujo ciclo recobre o período de 1.º de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2024. Como sismógrafo de alta precisão, a “Década Internacional dos Afrodescendentes” capta os ruídos daquilo que obstrui, em escala global, os caminhos do pleno desenvolvimento. Não nos enganemos: justiça, reconhecimento e desenvolvimento não são palavras elegantes e pomposas para marcar uma efeméride, antes, expressam em sua profundidade reflexiva e política os desafios postos para os combalidos Estados-Nação. Um ligeiro recenseamento em torno dos termos nos permite observar o quanto eles vêm sendo empregados recorrentemente em fóruns de discussão, nos espaços do ativismo político, em análises de

pesquisadores e teóricos de diferentes quadrantes e latitudes. Retracemos, abreviadamente, o percurso de sentido de cada um deles:

Justiça: No seminário “Fronteiras do pensamento”, realizado neste mês em Porto Alegre, o historiador e ensaísta político britânico Perry Anderson afirmou que “em termos de dinâmica da ação política, você sempre precisa lembrar que provavelmente o material mais inflamável que existe é a injustiça”. Referindo-se às manifestações de junho de 2013 no Brasil, Anderson avalia: “o que politiza e mobiliza as pessoas é a realidade em que as coisas pioram em vez de melhorarem. Não é a esperança de crescimento, mas sim o sentimento de injustiça”. Nessa mesma chave, podemos inserir os conflitos em Ferguson, nos Estados Unidos. Movida pelo sentimento de injustiça, a população negra foi à rua para debelar o racismo, legitimado por um sistema injusto que autoriza a prática homicida da polícia. Sistemas injustos criam e aprofundam práticas racistas, sexistas,

xenófobas, homofóbicas e assimiladas.

Reconhecimento: A expressão “Fulano(a) de tal ou tal coisa não me representa” tornou-se moeda corrente nas reivindicações contemporâneas. Acentuam essa tendência os regimes de visibilidade em voga, ainda presos a imagens reducionistas de grupos historicamente discriminados. Teóricos das políticas de reconhecimento e da alteridade são unânimes em afirmar que a assunção do Eu se dá pelo reconhecimento do Outro. Para Charles Taylor, por exemplo, o expediente do reconhecimento alcança urgência política pelo vínculo que possui com identidade, onde “identidade refere-se a uma compreensão de quem somos, de nossas características definitórias fundamentais como seres humanos” (2006, 194).

Desenvolvimento: o médico congolês Denis Mukwege, em sua passagem pelo “Fronteiras do Pensamento”, declarou: “Não existe democracia sem direitos humanos. Há muito tempo, os direitos humanos eram considerados um luxo. Parece-me que isso continua sendo verdadeiro em muitos países africanos. De fato, poucos dos nossos países reconhecem a dignidade inerente a cada pessoa, sem qualquer discriminação. Ainda são raros os países no continente africano que garantem oportunidades e opções iguais a todos”.

A declaração de Mukwege serve como síntese ao esboçado acima. O desenvolvimento é integralmente dependente de uma política em que justiça e reconhecimento são valores inegociáveis. Há muito se vinculou o tema do desenvolvimento apenas a expedientes da economia e administração. O currículo das teorias do desenvolvimento sob essa ótica é extenso. Não demorou muito para se chegar a diagnósticos que não tomam a economia, em seu sentido restrito e ortodoxo, como parâmetro para se medir o desenvolvimento das nações.

É preciso pôr em ação uma agenda em que justiça e reconhecimento, pilares das sociedades democráticas, não sejam apenas recurso retórico, mas alavancas essenciais para que desenvolvimento também não seja visto como triste eloquência. Como enunciamos no título

deste artigo, o tema da “Década Internacional do Afrodescendente” reúne palavras que inflamam as políticas contemporâneas ao redor do mundo. Ou melhor, suas antagonistas – injustiça, atentado às identidades e negação do outro, são nitroglicerina pura com capacidade de implodir com o pouco que resta dos ideais da modernidade, valorados pela universalidade de direitos, igualdade, justiça e reconhecimento. A Década Internacional não diz respeito, portanto, apenas aos afrodescendentes, mas a toda a humanidade planetária, e convida-nos a desviar as políticas contemporâneas de uma rota que vem se mostrando capaz de soterrar o projeto civilizatório instituído.

A VOLTA DOS MUTIRÕES DAS ROÇAS TRADICIONAIS NA COMUNIDADE DE PEDRO CUBAS, VALE DO RIBEIRA – SP

REGIANNE DO NASCIMENTO FERREIRA

Este artigo apresenta a retomada dos mutirões nas roças tradicionais da Comunidade Quilombola Pedro Cubas, Vale do Ribeira – SP. Considerando que as legislações ambientais, as quais regulam o uso dos recursos naturais no local, vão de encontro aos métodos tradicionais de manejo destes recursos. O artigo é resultado de uma pesquisa em campo para o curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia – parceria entre a Universidade de São Paulo e a Escola Nacional Florestan Fernandes (MST).

O Vale do Ribeira comporta grande diversidade cultural: indígenas guaranis, caiçaras, pescadores tradicionais e comunidades quilombolas. A região comporta a maior parte da vegetação remanescente do bioma Mata Atlântica, tendo despertado o interesse do Estado em sua preservação ao longo dos anos. Neste intuito, foram criadas Unidades de Conservação, muitas delas sobre o território de comunidades tradicionais. O modelo dessas unidades de conservação inspirou-se nos parques estadunidenses, dos quais a população local é retirada para que haja uma preservação total do ambiente natural. Tal



Rosane Borges é jornalista, pós-doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, integrante do grupo de pesquisa Midiato da mesma Universidade, integrante da Cojira-SP (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial), coordenadora do curso de especialização da FAM e professora da UEL.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina. Florestas virgens manejadas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, p. 3-20, 1994.

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

AMORIM, Cleyde Rodrigues. *Relatório técnico-científico sobre os remanescentes de Quilombo de Pedro Cubas, Vale do Ribeira -SP* ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo "José Gomes da Silva"), 1998.

CARRIL, Lourdes de Fatima Bezerra. *Terra de Negros no Vale do Ribeira: territorialidade e resistência*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. Departamento de História, 1995.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso Vaz. *O meio ambiente prejudicou a gente*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, 2000.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

JUNIOR, Nelson Novaes Pedrosa, MURRIETA, Rui Sérgio Sereni & ADAMS Cristina. A agricultura de corte e queima: um sistema em transformação. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 3, n. 2, p. 153-174, maio-ago, 2008.

MUNARI, Lucia Chamlian. *Memória social e ecologia histórica: a agricultura de coivara das populações quilombolas do Vale do Ribeira e sua relação com a formação da Mata Atlântica local*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 2009.



Quilombo Pedro Cubas, no Vale do Ribeira – SP

ideia, não atenta ao fato de que a preservação do bioma local, muitas vezes, ocorre devido ao modo de vida não devastador, ou mesmo promovedor da biodiversidade, das comunidades que ali residem.

A iminência da expulsão de suas terras, por parques e projetos de infraestrutura, além da constante pressão por parte de posseiros e fazendeiros, levou algumas comunidades a organizarem sua luta pela terra com base no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Federal de 1988. Esta legislação afirma que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. A luta das comunidades pela terra e memória dos seus antepassados teve como resultado o reconhecimento de dez comunidades como remanescentes de quilombos até o ano de 2003, entre elas a Comunidade Quilombola de Pedro Cubas.

Relataremos a retomada dos mutirões das roças de subsistência ou roças tradicionais, nesta comunidade. As roças quilombolas são feitas



© cepece.org.br

Visando retomar as tradições no tocante ao cultivo das roças, a liderança desta comunidade organizou a volta dos mutirões das roças de subsistência em 2014. A tradição é vista pela liderança como uma relação que fortalece os laços comunitários, ao contrário do pagamento de diárias, que estabelece relações monetárias e não de reciprocidade, e vem tomando espaço no local. A ideia de reorganização do mutirão das roças tradicionais casou com a chegada das autorizações para a abertura de novas roças. Segundo o líder comunitário, o mutirão é importante por ser uma forma de fortalecimento através do auxílio: “Tem gente que não tem condição para fazer roça, nem todo mundo tem força de espírito. O mutirão ajuda a conscientizar os que estão desanimados, dá força de vontade e mostra que as coisas funcionam”.

O mutirão é definido, pelos seus participantes, como uma forma de trabalho mais prazerosa e promotora da união. Segundo eles, o trabalho

de acordo com o método da coivara, também conhecida como agricultura de corte e queima. Segundo os quilombolas, após a queima o solo fica muito fértil e as cinzas servem de adubo para as plantas que nascerão. Esse ciclo, supressão da vegetação – pousio, imita o ciclo ecológico natural de renovação das espécies, mas também o adianta, elevando o nível de produção do sistema e promovendo o aumento da biodiversidade local.

Em Pedro Cubas, quase a totalidade do território é coberta por matas e outras áreas que sofrem interdição ambiental (nascentes, margens de rios, encostas, etc.). Por muitos anos a derrubada da mata e abertura de roçados para plantio no sistema de coivara foi proibida. A Secretaria de Meio Ambiente alegava que o sistema de coivara destruía a mata e afetava a biodiversidade local. Após longas lutas pela utilização de seu sistema tradicional de plantio, com o apoio de pesquisadores da Universidade de São Paulo e do Instituto Socioambiental, os quilombolas conseguiram autorização ambiental para plantar roças de subsistência utilizando o sistema de coivara.

O VALE DO RIBEIRA COMPORTA GRANDE DIVERSIDADE CULTURAL: INDÍGENAS, CAIÇARAS, PESCADORES TRADICIONAIS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS

em conjunto aumenta a força de vontade e é menos cansativo. As conversas e piadas ao longo do trabalho o tornam mais divertido e menos penoso; além disso, o trabalho em grupo é muito mais rápido e produtivo que o individual. O baile, promovido ao fim dos mutirões, também foi afirmado como um estímulo. Os quilombolas afirmam que antigamente os mutirões e bailes eram momentos de flerte e muitos casais da comunidade se formaram nestes momentos. A prática lembra da solidariedade de um passado no qual organizavam suas roças de acordo com as necessidades do grupo familiar, mas com o apoio dos parentes e compadres. A liderança de Pedro Cubas afirma a manutenção das tradições como forma de combate às ações externas que alteram a vida da comunidade. Manter os costumes significa preservar a identidade local e manter a autonomia da comunidade. ^{UC}



Regianne do Nascimento Ferreira, formada em Ciências Sociais pela Unicamp, com curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia – USP.



Atentados de Paris

TEXTOS
REFLETEM SOBRE
DESDOBRAMENTOS
DE AÇÃO QUE
CHOCOU O
MUNDO

O ESTADO ISLÂMICO E O TERRORISMO INTERNACIONAL

SERGIO LUIZ CRUZ AGUILAR

A no passado escrevi um pequeno texto publicado na revista **unespciência** (<http://goo.gl/XjLmpN>) sobre a questão de se considerar o Estado Islâmico e outros grupos extremistas como terroristas, questionando se esses grupos não seriam insurgentes.

Ironicamente, semana passada foi realizado o Fórum sobre Paz e Segurança na África, em Dakar – Senegal, que teve como um dos financiadores o governo da França, inclusive com a presença do Ministro da Defesa francês, onde se discutiu o terrorismo no continente africano e suas ligações com o Estado Islâmico, dentre outros temas ligados à segurança, como migrações e operações de paz.

O evento teve a participação de chefes de

Estado e governo, ministros, diplomatas, militares e acadêmicos. Os workshops apresentaram a situação atual de diversos países, especialmente aqueles que vivem o problema do “terrorismo”, como Líbia, Iêmen, Nigéria e seus vizinhos (Boko Haram), Somália e seus vizinhos (Al Shabaab), dentre outros.

Mesmo entendendo a complexidade das causas que levam ao surgimento e crescimento desses grupos, normalmente relacionadas aos problemas político-sociais nas áreas em que surgem e atuam, os presentes ao evento, quase que sem exceção, utilizam termos como “terroristas” ou “bandidos terroristas” para classificar esses grupos.

Enquanto representantes de governos pregavam ações militares, coordenação regional, auxílio internacional para combater os grupos, acadêmicos, pesquisadores, membros de think tanks apresentaram má governança, corrup-



ção, ações arbitrárias e violentas do Estado, despreparo dos órgãos de segurança, permeabilidade e controle deficiente das fronteiras, dentre outros, como root cases dos conflitos provocados por esses grupos.

Entendemos que todos esses elementos estão presentes. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ou simplesmente EI) surgiu a partir de vários grupos insurgentes sunitas que lutaram no Iraque contra as forças de ocupação lideradas pelos Estados Unidos. A partir da região sunita iraquiana acabou se envolvendo na guerra civil síria e rapidamente ocupou um vasto território nesses dois países.

O Boko Haram, na Nigéria, e o Al-Shabaab, na Somália, também cresceram e ocuparam áreas sem o controle do Estado (apesar de muito menores que a ocupada pelo EI). Esses grupos têm características em comum como: todos eles proclamaram os seus califados; todos

buscaram se tornar conhecidos por conta do extremismo e da brutalidade como forma de atingir seus objetivos; todos utilizam o apelo islâmico com interpretações distorcidas do *Corão* e as mídias sociais na internet para conseguir adeptos; todos pregam o objetivo final de mudar o estado das coisas criando uma nova sociedade (islâmica) devidamente protegida do modo de vida e dos valores “mundanos” e “infiéis” dos ocidentais, mostrados como os grandes responsáveis pelos problemas existentes nas regiões em que atuam. Mas, principalmente, utilizam o radicalismo, apoiado numa causa ideológica e religiosa, por conta do qual os meios justificam os fins.

Ou seja, não importa o grau de violência a ser utilizado desde que ataque os supostos “inimigos” onde quer que eles estejam. Apesar de não haver uma definição de consenso, o terrorismo pode ser entendido como um mé-



Sérgio Luiz Cruz Aguilar é doutor em História, professor do curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unesp (Câmpus de Marília/SP) e especialista em segurança internacional. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Oxford – Reino Unido com bolsa de pesquisa no exterior da Fapesp.

Versão deste artigo foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* <<http://goo.gl/LIG6ba>> em 20 de novembro de 2015.

todo ou lógica de ação, praticado por um ator (indivíduo ou grupo) que usa a violência (ou ameaça usá-la) para causar a morte ou infligir danos, criando uma atmosfera de terror para intimidar uma população e, com isso, obrigar os poderes públicos de um país ou uma organização internacional a agir de determinada maneira (ou abster-se de agir), desestabilizar ou destruir suas estruturas.

Em sua forma radical, inclui o uso de armas para destruir o governo ou a organização social em vigor. Como método, as ações visam a se atingir um fim político. Como lógica, o ato, os atentados teriam um fim em si mesmos. No entanto, para nós, o resultado é mais explorado. Independente de o ato ser meio ou fim, o que importa é a destruição, as mortes, o medo que ele provoca.

Como toda ação tem uma reação, a cooperação internacional anti-terrorismo, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, diminuiu a capacidade das organizações terroristas de planejar e executar ataques como os que aconteceram nos Estados Unidos. Mas a capacidade de adaptação desses grupos, e a rapidez com que ela acontece, é muito maior que a dos Estados e das organizações internacionais.

Nesse sentido, de uma ação complexa como a do 11 de setembro, tivemos os posteriores ataques simultâneos a bomba nos meios de transporte de Madri e Londres (além de outros como em Bali – Indonésia). Este ano (2015), o terrorismo islâmico apresentou uma nova tática como o ataque ao jornal francês *Charlie Hebdo* e os atentados simultâneos e coordenados do último dia 13 de novembro, ambos em Paris, nos quais a maior parte dos danos foi causada por tiros de fuzis.

Esse tipo de atentado é muito mais simples de preparar e executar e mais difícil de ser descoberto pelos órgãos de inteligência, mas causa o mesmo impacto. Há uma enorme facilidade de se adquirir armas e explosivos no mercado negro operado pelo crime organizado e o poder destrutivo dos fuzis é grande quando empregados de surpresa contra pessoas reunidas

em locais de trabalho, casas de espetáculos, estádios de futebol ou bares, como ocorreu nos últimos atentados na França.

Os alvos também mudaram. O terrorismo moderno, no sentido que utilizamos hoje, surgiu no chamado “regime do terror” da Revolução Francesa, como terrorismo de Estado durante o governo de Robespierre. Em seguida, no final do século XIX início do século XX, surgiram grupos organizados que lutavam contra governos autoritários que passaram a atacar alvos seletivos, normalmente membros desses governos.

Após a 1.^a Guerra Mundial, houve o retorno do terrorismo de Estado nos regimes nazista (Alemanha), fascista (Itália) e socialista (antiga União Soviética). Com o processo de descolonização, os atentados passaram a ser executados no âmbito dos movimentos de libertação nacional e os alvos eram indivíduos (agentes), as forças legais e a estrutura das metrópoles. O terrorismo religioso cresceu ao final da Guerra Fria, assim como o transnacional, facilitado pelo processo de globalização, mas também pela regionalização e o crescimento do crime organizado internacional.

O terrorismo do século XXI ataca locais com algum significado para os terroristas como símbolos do poder (World Trade Center, Pentágono), ou da vida infiel (bares e casa de show de Paris), ou que permitem atingir grande quantidade de pessoas (meios de transporte de Londres e Madri) e, com isso, o impacto, a publicidade ajuda no objetivo maior que é espalhar o medo e o sentimento de insegurança.

Se toda ação provoca uma reação, logicamente, os atentados do último dia 13 de novembro em Paris terão como primeira consequência o aumento do uso da força por parte da coalisão internacional que ataca o Estado Islâmico na Síria e no Iraque.

Mas, outras possíveis reações ainda são difíceis de serem percebidas em termos de extensão e seus prováveis resultados deixam no momento mais dúvidas que respostas. O xenofobismo pode aumentar na Europa, aumentando o sentimento de exclusão das co-



© Nicolas Kovarik

munidades islâmicas, fomentando mais ódio, permitindo que mais “excluídos” se juntem ao extremismo e se tornem pessoas propensas a executar atentados.

Poderá haver um maior controle das levas de migrantes vindos da África, Oriente Médio e Ásia. O xenofobismo citado acima pode aumentar a dificuldade de assentamento desses migrantes/refugiados. Sem dúvida, haverá uma maior atividade político-diplomática para se tentar uma solução para a guerra civil síria, especialmente tentativas mais incisivas de convergir as posturas de Estados Unidos e Rússia em relação ao conflito.

Aumentarão os ataques ao EI e o apoio aos grupos que lutam para retomar as áreas por ele controladas, como, por exemplo, aos curdos peshmergas. Sobre esse item, o resultado pode ser questionável. A história recente mostra que o apoio a determinados grupos, apesar de apresentar resultados que podem ser vistos como satisfatórios em curto prazo, normalmente resulta em novos problemas a longo prazo (o próprio EI é um exemplo, da mesma forma que a Al Qaeda). E como ficará

a ideia da União Europeia de fronteiras abertas dentro do bloco?

Na situação atual os Estados ficam à mercê do controle na entrada no bloco. Uma vez dentro da União, o trânsito se dá praticamente sem constrangimentos. Atentados como o de Paris levam o Estado “agredido” a melhor controlar suas fronteiras nacionais, o que pode

O TERRORISMO RELIGIOSO CRESCERAO FINAL DA GUERRA FRIA, ASSIM COMO O TRANSNACIONAL, FACILITADO PELO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

enfraquecer os acordos atualmente vigentes, como o Tratado Schengen.

De qualquer forma, independentemente do nível da reação, o objetivo do EI já foi conquistado – atingir um dos símbolos do mundo ocidental. E como a diminuição da ação de grupos como os que existem atualmente depende de um redesenho dos Estados e das sociedades, especialmente no Oriente Médio e no mundo islâmico, e de suas relações com

os demais países no sistema internacional, o que demanda vontade e tempo, ataques como os de Paris provavelmente, e infelizmente, voltarão a acontecer.

A “NOVA” GUERRA AO TERROR

LETÍCIA DOS SANTOS COLOMBO

No início de novembro, a França foi alvo de atentados terroristas assumidos pelo Estado Islâmico (EI). Poucos dias depois, o presidente francês François Hollande declarou guerra ao grupo mediante o pressuposto de legítima defesa e passou a bombardear territórios dominados pelo mesmo na Síria.

Além disto, através da invocação da cláusula de defesa mútua da União Europeia, fato inédito na história da organização internacional, a França apelou pelo auxílio dos demais Estados-membros mediante o apoio efetivo e sem reservas à política externa e de segurança europeia e em favor da defesa coletiva contra aqueles que atacaram o território da União, conforme o artigo 42(7) do Tratado de Lisboa.

EMBORA OS INTERESSES NORTE-AMERICANOS E RUSSOS CONVIRJAM COM RELAÇÃO AO COMBATE AOS GRUPOS EXTREMISTAS ISLÂMICOS, NO CASO DO EI, AS MOTIVAÇÕES SÃO DISTINTAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS NÃO DEVEM SER IGNORADAS

Tais fatos chamam a atenção para as contradições jurídicas e políticas dentro do sistema internacional. Primeiro porque, segundo o direito dos conflitos armados, somente podem combater dentro de marcos legais os Estados nacionais reconhecidos como tais e militantes que se enquadram nas Convenções de Haia e de Genebra de 1899 e 1907, requisitos que o Estado Islâmico não cumpre. Além disto, surge a questão política de como negociar com aqueles que não aceitam a política internacional através do compartilhamento de valores comuns com outros Estados.

Estas dúvidas ecoam como um déjà vu en-



tre aqueles que se lembram dos atentados de 11 de setembro de 2001, que marcaram de medo e terror o início do século XXI e resultaram numa mudança na forma do conflito internacional. Pela primeira vez um Estado atacava um grupo “terrorista” (Al Qaeda) no território de outro Estado (Afeganistão), alegando legítima defesa como resposta ao possível envolvimento de ambos e a necessidade de “levar a democracia” para aquele e outros Estados “fracos”, “falidos” ou “párias”.

A Al Qaeda foi criada por Osama Bin Laden após ter vencido, com apoio do governo norte-americano, a luta contra os soviéticos que invadiram o Afeganistão. Da mesma forma, o Estado Islâmico se desenvolveu a partir do financiamento do governo norte-americano a grupos sunitas iraquianos para auxiliarem na luta contra a insurgência interna.

Posteriormente, o EI conquistou áreas na Síria devido, em parte, ao apoio dos EUA a grupos rebeldes que lutavam para derrubar o



© Sandro Schroeder

governo de Bashar Al Assad, justificado pelo suposto papel do presidente no “Eixo do Mal”, termo criado pelo presidente George W. Bush após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Há vários fatores do cenário atual que dificultam a posição assumida pelos Estados ocidentais de combate armado contra o Estado Islâmico. Embora os interesses norte-americanos e russos convirjam com relação ao combate aos grupos extremistas islâmicos, no caso do EI, as motivações são distintas e suas consequências políticas não devem ser ignoradas.

A Rússia, parceira de longa data da Síria e do regime de Assad, apoia o presidente em sua ação militar para vencer a guerra civil e se manter no poder. Esse propósito é contrário aos dos EUA e dos países europeus invocados por Hollande, que veem nas ações contra o EI um apoio indireto à manutenção de poder do presidente sírio, o que se choca com suas intenções políticas desde o início da guerra civil.

A opinião dos próprios árabes por vezes é ignorada, resultando na homogeneização religiosa e no xenofobismo. Ou seja, corre-se o risco de ampliação quantitativa e qualitativa do que ocorreu no caso norte-americano, em que a declaração da “guerra ao terror” se deu sem distinção e resultou no ataque a Estados aos quais se atribuiu responsabilidade por ações realizadas por atores privados baseados em seus territórios (Afeganistão) ou supostamente ligados a eles (Iraque).

Talvez a França esteja seguindo o mesmo caminho. Ao invocar o ataque ao Estado Islâmico, que domina parte do território sírio e iraquiano, o país parece não levar em conta que nesses locais também vivem pessoas contrárias a este regime e que inclusive buscam, através de rotas de imigração em massa, abrigo no continente europeu para novas oportunidades de vida.

Todavia também existem aqueles que consideram o EI como organização legítima de resistência, justificando seu apoio conforme as afirmações de um mecânico que fugiu dos bombardeios: “Vive-se melhor nas zonas do EI do que nos bairros controlados por Assad, onde se morre de fome”. Para estes, o *modus operandi* do EI se dá por conta das características da chamada guerra assimétrica, ou seja, os atos terroristas seriam um meio para atacar e amedrontar aqueles que insistem em impedir o seu poder.

Assad afirmou, em 2008 (citado por Gresh em *A chance for peace? The collapse of the “Third Front” in the war against terrorism*) que: “o terrorismo constitui uma ameaça para toda a humanidade. A Al Qaeda não é uma organização, mas um estado de ânimo. Não tem fronteiras. Um dos meus amigos sauditas de Genebra veio me perguntar sobre a desapareição repentina de seu filho, que por sorte estava em nossas prisões.

Temos um problema de origem endógena? Sim. Desde 2004 e como consequência da guerra do Iraque, começamos a ver a aparição de células da Al Qaeda, não relacionadas com a organização, mas com o estado de ânimo,



Letícia dos Santos Colombo integra o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCI) da Unesp – Câmpus de Marília.

LETÍCIA DOS SANTOS COLOMBO



© Patrick Jamicek

em folhetos e na internet. Nos preocupa o que virá a ser da região.

Mudar o solo fértil do terror por desenvolvimento, cultura, sistema de educação, diálogo, turismo, intercâmbio de informação, etc. não é uma questão de exército, o exército não pode

peitarem o *Al Corão*.

Entendemos que seria por meio da prevenção e de debates que minimizem as diferenças políticas internacionais que se diminuiriam os entraves para a solução pacífica do conflito contra o EI, ao contrário de novas barbáries em territórios ocidentais (com novos atos terroristas) e orientais (por meio de novos ataques que afetam a população civil).

A França parece querer agir contra os atos terroristas por meio de mais atos terroristas. Conforme apontou Halliday (2004) em *Terrorism in Historical Context*: “Grande parte da recente violência política no mundo pode ser categorizada como terrorismo, um modelo reconhecível dessa indispensável ferramenta tóxica e de múltiplas camadas. Seu emprego exige extremo cuidado e discernimento, bem como a consciência de seu potencial para uso indevido, mas as realidades prementes do nosso tempo forçam nossa responsabilidade de torná-lo um instrumento de esclarecimento e compreensão”. ^{uc}

A FRANÇA PARECE QUERER AGIR CONTRA OS ATOS TERRORISTAS POR MEIO DE MAIS ATOS TERRORISTAS.

solucionar o problema da cultura. O mundo é mais vulnerável ao terror que antes de 11 de setembro”.

O “solo fértil do terror”, conforme apontado pelo presidente sírio, não será alterado pela ofensiva ocidental. O Estado Islâmico, por enquanto, está blindado pelo poder de culto e ideologia de consciência coletiva, exercendo seu poder por meio de instrumentos coercitivos autoritários como decapitação em massa e penas a chicote para aqueles que não res-



© photographieballag

Inserção da mulher no sistema de seguridade brasileiro

PESQUISA FOI
DEFENDIDA
NA UNESP DE
FRANCA

O correu, em dezembro, na Unesp de Franca, a Defesa de Tese de Doutorado de Livia Marinho de Moura intitulada “A Política Previdenciária Brasileira: estudo sobre a inserção da mulher no Sistema de Seguridade à luz da Lei nº 12.470/2011”.

A presente tese tem como proposta de sua elaboração a análise da proteção social e previdenciária, no cotidiano de algumas mulheres que vivem na região do Bolsão Sul-mato-grossense, no Estado do Mato Grosso do Sul (MS). A proposta do estudo perpassa pela reflexão, amparada pela análise empírica, de como se concretiza o acesso aos benefícios previdenciários, no conjunto dos critérios estabelecidos pela Lei nº 12.470, de 31 de agosto de 2011.

A elaboração da pesquisa tem como amparo legal a Constituição Federal, especificamente a Seguridade Social, assegurada na Carta Magna, que garante em seus artigos 201 a 204 as políticas de Previdência e Assistência Social, pautas estabelecidas como referência para deferimento ou indeferimento dos benefícios e direitos previdenciários. A Lei em questão, polêmica desde sua formulação, associada ao

controverso universo Previdenciário se apresenta como tema de estudo e ampla fonte de pesquisa.

O recorte local, realizado na região do Bolsão Sul-mato-grossense, visa a perspectiva local, onde milhares de brasileiros buscam os benefícios previdenciários como alternativa ao desemprego e outras inúmeras situações de vulnerabilidade presentes no cotidiano dos brasileiros, em especial daqueles que se dedicam aos trabalhos domésticos, unicamente no âmbito de suas residências, pertencentes às famílias de Baixa Renda, de acordo com parâmetros do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Esse público, de acordo com dados da pesquisa, é majoritariamente composto por mulheres, cuja condição social, pessoal, familiar e profissional é precária, o que dificulta uma trajetória de inserção no mercado de trabalho, entre outros progressos em direção a uma realidade de autonomia e emancipação. O que propicia e incita uma construção reflexiva que avalie e entenda o contexto de seguridade instituído no Brasil. 

Comissão de Avaliação:
Helen Barbosa Raiz Engler – Orientadora
Pedro Geraldo Saadi Tosi – FCHS/Unesp/Franca
Ivan Aparecido Manoel – FCHS/Unesp/Franca
José Alfredo de Pádua Guerra – UniFACEF
Hélio Braga Filho – UniFACEF

SINÉSIO FERRAZ BUENO



© Eco e Narciso (1903), por John William Waterhouse/Wikipedia



Metafísicas Canibais,
Eduardo Viveiros
de Castro,
Cosac Naify, 2015,
320 p., R\$ 45

O narcisismo epistêmico elevado ao quadrado

SOBRE O LIVRO *METAFÍSICAS CANIBAIS*, DE EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

Em seu mais recente livro, um dos mais importantes antropólogos brasileiros apresenta como objetivo a superação de um intrigante problema da antropologia, dotado de evidentes implicações filosóficas. Em *Metafísicas Canibais*, livro contemplado por belíssima capa estampada com uma flor de narciso, Eduardo Viveiros de Castro caracteriza como “teatro perverso” o efeito reflexo do olhar antropológico em sua qualidade de representar o outro como mera projeção etnocêntrica da cultura ocidental, que apresenta a consequência

indesejada de perpetuar a colonização do pensamento.

Partindo do pressuposto de que seria possível ultrapassar essa barreira cognitiva, em nome de uma “nova antropologia”, seu livro confessa-se tributário de um projeto ainda por escrever, intitulado *O Anti-Narciso*.

Essa outra obra, sugestivamente dotada de existência apenas imaginária, seria capaz de transpor a atual “redução epistemocêntrica do pensamento” (p. 24), produzindo uma nova dignidade conceitual para a antropologia,

para que esta possa descrever as “condições de autodeterminação antropológica dos povos” (p. 25).

Em outras palavras, o pecado original da antropologia, em sua irredutibilidade narcísica de disfarçar o discurso do mesmo sob a aparência do discurso do outro, seria enfim redimido por meio de procedimentos etnográficos requalificados, capazes de desvendar os mistérios da alteridade em si mesma.

O empreendimento antinarcisista da antropologia sustenta-se, segundo Viveiros de Castro, em dois conceitos básicos: o perspectivismo e o multinaturalismo. Esse par conceitual deriva de uma parábola de Lévi-Strauss narrada em sua obra *Raça e História*, segundo a qual, durante a conquista da América, enquanto os espanhóis preocupavam-se em saber se os índios possuíam alma, estes, pelo contrário, investigavam cuidadosamente se os europeus teriam um corpo passível de apodrecimento.

A partir dessa oposição entre duas perspectivas, uma dos europeus, que não duvidavam da existência do corpo dos ameríndios, outra destes, que não duvidavam que os primeiros tinham alma, Viveiros de Castro propõe os referidos conceitos, enraizados em uma provocativa “ontologia ameríndia”.

Por perspectivismo, entenda-se um conceito rigorosamente diferenciado do relativismo, pois enquanto este localiza a multiplicidade entre culturas, o perspectivismo sintetiza a multiplicidade de ponto de vista interno a uma dada cultura ameríndia, em sua propriedade de expor o quanto humanos, animais e espíritos veem-se mutuamente de maneiras completamente distintas.

Exemplo: sob a perspectiva de uma “potência predatória”(p. 45), animais e espíritos veem-se como humanos, e ao mesmo tempo o sangue é cerveja de milho para o jaguar, e os vermes da carne podre representam peixe assado sob a perspectiva do olhar dos urubus.

Por multinaturalismo, de maneira análoga, deve-se entender a natureza como conceito plural que não implica a existência de várias naturezas, mas sim “a naturalidade da varia-

ção, a variação como natureza” (p. 69).

O audacioso projeto de Viveiros de Castro representaria um formidável esforço de reelaboração do campo conceitual da antropologia, não fosse sua pretensão de extravasar certas fronteiras disciplinares com o objetivo de “descolonizar o pensamento”, vale dizer, suplantar os limites epistemológicos que circunscrevem a relação entre a antropologia ocidental e as culturas indígenas da América.

Para o autor, o cruzamento do perspectivismo com o multinaturalismo delimita certo regime “ontológico” ameríndio, configurando uma “metafísica” própria das culturas indígenas, caracterizada pela potencialidade predatória, qualidade que justificaria o título do livro, exemplificada pela situação em que um indígena oferece a um pesquisador ocidental um pouco de cerveja de mandioca e lhe entrega

O EMPREENDIMENTO ANTINARCISISTA DA ANTROPOLOGIA SUSTENTA-SE, SEGUNDO VIVEIROS DE CASTRO, EM DOIS CONCEITOS BÁSICOS: O PERSPECTIVISMO E O MULTINATURALISMO

uma cuia contendo sangue humano.

A partir do momento em que à visão de mundo perspectivista e multinaturalista dos índios americanos não é atribuída apenas uma dimensão cosmológica, mas, muito além disso, um estatuto ontológico, o livro de Viveiros de Castro começa a resvalar nas insuficiências e fraquezas de seu projeto antinarcísico.

Em nome da descolonização do pensamento, o autor faz tábua rasa do caráter específico e irredutível do conceito de ontologia, historicamente tornado possível somente quando um determinado povo, os gregos da antiguidade, desenvolveu um estilo de pensamento racional e problematizador dos mitos, capaz de explicar a realidade sem o apoio de explicações sobrenaturais, mágicas ou misteriosas.

A subordinação do mito ao logos, a superação do estágio oral de transmissão do patrimônio cultural, e o desenvolvimento de



Sinésio Ferraz Bueno é professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília.

um saber organizado e dividido em diversas ciências dotadas de relativa independência, mas não obstante possíveis de integração em uma doutrina capaz de estudar as qualidades fundamentais do ser, foram, como se sabe, os pré-requisitos imprescindíveis para que se pudessem definir as proposições da metafísica ontológica.

Esses pré-requisitos, que tornaram possível o surgimento da filosofia ocidental, estão ausentes nas sociedades ameríndias, motivo pelo qual é mais justo que suas visões de mundo, ancoradas na proliferação das diferenças, sejam mais apropriadamente denominadas como cosmologias, dada a sua rigorosa delimitação ao universo mítico.

COMO SE NÃO FOSSE SUFICIENTE RESVALAR UMA VEZ MAIS NOS LIMITES IRREDUTÍVEIS DO ÂMBITO CONCEITUAL “COLONIZADOR”, VIVEIROS DE CASTRO DESLUMBRA-SE DIANTE DA FILOSOFIA PÓS-ESTRUTURALISTA DE DELEUZE E GUATARI

A mobilização abusiva de categorias filosóficas para a análise das peculiaridades cosmológicas das populações ameríndias, além de sugerir uma inusitada desconfiança em relação à validade intrínseca de tais culturas, como se elas necessitassem de um estatuto metafísico irredutivelmente eurocêntrico para sua validação no âmbito acadêmico, adicionalmente põe sob suspeição o projeto antinarcísico almejado por Viveiros de Castro, pois seu intento de superar a redução epistemocêntrica acaba recaindo em um novo e mais acabado reducionismo, desta vez operado não pelas barreiras cognitivas do pensamento antropológico, porém mediante as citadas categorias filosóficas.

Como se não fosse suficiente resvalar uma vez mais nos limites irredutíveis do âmbito conceitual “colonizador”, Viveiros de Castro deslumbra-se diante da filosofia pós-estruturalista de Deleuze e Guatari para legitimar intelectualmente sua interpretação das culturas ameríndias como ontologia.

Valendo-se de uma retórica desnecessariamente mimetizadora do estilo extravagante peculiar a Deleuze, o autor caracteriza a suposta metafísica ameríndia como desterritorialização rizomática, e o canibalismo como “imagem do pensamento” (p. 225).

Mas, considerando seu projeto de um Anti-Narciso, poderíamos nos perguntar: o que poderá haver de mais narcísico e ocidental do que o emprego de uma parafernália filosófica pós-moderna ressentida em relação aos pilares da modernidade, precipitadamente rompida com as categorias de sujeito, progresso e universalidade?

O projeto antinarcísico de Viveiros de Castro é decisivamente comprometido ao recorrer a um repertório conceitual que se pretende rompido com a metafísica identitária e representacionista, mas cujo efeito foi o de recair em um dogmatismo antiuniversalista fundamentado na diferença pura.

Recorrendo a um pensamento historicamente datado e inseparavelmente ligado às esperanças românticas da contracultura, animadas pelo charme do ativismo parisiense do final dos anos 60, sua metafísica canibal, longe de superar o narcisismo epistêmico, logra apenas elevá-lo à segunda potência.

O trabalho antropológico de Viveiros de Castro é altamente respeitável sob diversos pontos de vista, e acerca disso não será necessário lembrar seu merecido reconhecimento internacional. Além disso, seu afeto e respeito pela população indígena dão mostras de um humanismo autêntico, ainda que ele provavelmente não se reconheça exatamente como um “humanista” no sentido universalista do termo.

Porém, não será ocioso indagar uma vez mais se a antropologia, com seu próprio aparato conceitual, e sua qualidade intrínseca de representar um passo decisivo no progresso do Espírito, como incremento de potenciais de racionalidade e de liberdade imprescindíveis para a humanidade, necessita recorrer ao repertório conceitual pós-estruturalista, tão contaminado pelo ressentimento antiuniversalista da filosofia da diferença. ^{UC}

MARIA CHAVES JARDIM



O deputado Ulysses Guimarães mostra a Constituição brasileira, promulgada em 1988

Belíssimo e rigoroso livro

RESENHA DA OBRA *POLÍTICA, RELAÇÕES E CIDADANIA*, DE JOSÉ ANTONIO SEGATTO

O livro compõe-se de um conjunto de ensaios e estudos resultantes de várias pesquisas realizadas pelo autor ao longo de sua trajetória acadêmica. Trata-se de textos apresentados em conferências, congressos, seminários, aulas e publicados em revistas ou coletâneas no Brasil e no Exterior.

Reelaborados, desenvolvidos e revisados, foram dispostos numa sequência lógico-histórica e organizados de forma a constituírem um conjunto articulado. Seu fio condutor está centrado na “problemática histórica da restrição dos direitos civis, políticos e sociais no Brasil e as tentativas, nem sempre frutíferas, de ampliá-los” (p. 21).

Os três primeiros capítulos formam uma unidade e dialogam entre si. Analisam o caráter excludente e autoritário do processo histórico brasileiro, desde a constituição do Estado Nacional, do início do século XIX, até os dias de hoje, no qual a restrição aos direitos de cidadania e a limitação da democracia têm sido uma constante.

Ademais, pontuam o uso da violência, de me-



Maria Chaves Jardim é professora da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

JOSÉ ANTONIO SEGATTO

**POLÍTICA,
RELAÇÕES SOCIAIS
E CIDADANIA**



CONTRAPONTO

Política, Relações Sociais e Cidadania,
Autor: José Antonio Segatto,
Fundação Astrojildo Pereira – FAP, Série Brasil e Itália, Rio de Janeiro,
Prefácio: Lucília de Almeida Neves Delgado,
Historiadora e professora da UnB.
Editora Contraponto,
224 p., R\$ 18

canismos manipulatórios, do favor e de práticas fraudulentas no processo eleitoral brasileiro, além de sinalizar para a principal característica cultural dos partidos políticos brasileiros, qual seja “de uma cultura política impregnada por concepções antidemocráticas, com traços excludentes, autoritários, fisiológicos, clientelistas, patrimonialistas, cartoriais e opressivos” (p. 95).

Ainda nesses três primeiros capítulos, o autor nos apresenta diversos eventos históricos, sociais, políticos, além de pontuar a relação existente entre literatura e cidadania. Mais concretamente, traz à baila clássicos da literatura como Graciliano Ramos, José Cabral de Melo Neto, dentre inúmeros outros, com o argumento de que “embora não sendo verídica, a criação literária apura-se e destila-se no real” (p. 146). Nesse sentido, a ficção produzida pela literatura brasileira expressaria os verdadeiros problemas sociais da época.

O LIVRO ROMPE COM TODAS AS BARREIRAS INTERDISCIPLINARES, CONSTITUINDO-SE LEITURA OBRIGATÓRIA, NÃO SOMENTE PARA ESTUDIOSOS DO PENSAMENTO SOCIAL, MAS TAMBÉM DE HISTÓRIA, DE SOCIOLOGIA, DE CIÊNCIA POLÍTICA E DE LITERATURA

Nesse primeiro bloco de capítulos, chamo a atenção para o Capítulo I, intitulado Cidadania e Democracia em Perspectiva Histórica. Nesse, o autor revisita grande parte da bibliografia do pensamento social brasileiro e aponta a avaliação desses autores sobre democracia: “Democracia no Brasil sempre foi um lamentável mal-entendido” (Sergio Buarque de Holanda, 1978, p. 119); “Democracia Burguesa no Brasil sempre foi restrita (...)” (Florestan Fernandes, 1980, p. 14); “Os nossos dirigentes são incapazes de compreender e realizar a democracia, como temem a liberdade, que nunca conheceram” (Manuel Bomfim, 1996, p. 37); “Sem vocação hegemônica ou sem aptidão ou condições de se fazer dirigente, a burguesia mostrou-se incapaz de dirigir a democracia e se atrasou em questões cruciais como a incorporação das

massas à cidadania” (VIANNA, 1986, p. 26).

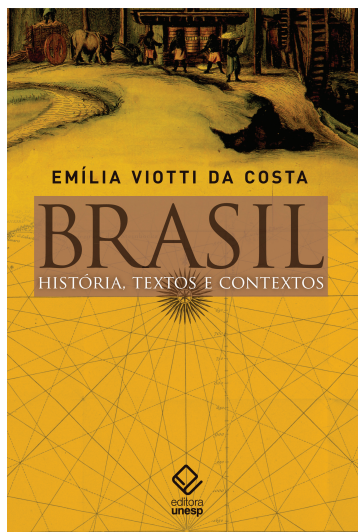
Diante desse diagnóstico, Segatto conclui: “Não é exagero a constatação segundo a qual historicamente a democracia foi efêmera” (p. 25). Complementa a sua análise apontando o tipo de Estado que prevaleceu na configuração histórico-política nacional, a saber, organizado como aparato de poder exclusivo, restrito e dissociado da sociedade, com a predominância de uma elite que sempre teve dificuldade e má vontade em conviver democraticamente com o povo.

O quarto capítulo aborda as interpretações que procuram explicar as relações entre capital e trabalho e sua regulamentação pela CLT, com todas as implicações histórico-políticas, entre as quais a criação de uma cidadania regulada, a subordinação da sociedade civil ao Estado e o fato de suas interpretações terem se tornado ideias-força em determinado momento histórico.

Finalmente, os três últimos capítulos analisam a fundação da Seção Brasileira da Internacional Comunista (PCB) e sua metamorfose de partido operário em partido nacional-popular. O autor dedica rigorosa atenção à biografia política de L. C. Prestes, principal dirigente do PCB.

Diante do exposto, considero que este livro rompe com todas as barreiras interdisciplinares, constituindo-se leitura obrigatória, não somente para estudiosos do pensamento social, mas também de história, de sociologia, de ciência política e de literatura, recebendo lugar de destaque dentre as contribuições contemporâneas que tratam da democracia e da cidadania; aliás, temas atuais e urgentes, não somente no debate acadêmico, mas também, e sobretudo, no debate público.

Portanto, para compreender como o patrimonialismo, o clientelismo, o corporativismo, os privilégios, a desigualdade, a coerção, a violência e a intolerância presentes no Brasil Colônia foram (re)significados e inseridos na democracia brasileira contemporânea, sugiro vivamente a leitura do belíssimo e rigoroso livro do Professor José Antonio Segatto. 



Emília Viotti investiga o passado para imaginar o futuro

REUNIÃO DE TEXTOS PERMITE PENSAR O BRASIL DE MANEIRA PROFUNDA

A historiadora Emília Viotti da Costa, finalista do Prêmio Jabuti 2015 na categoria Ciências Sociais, conquistou um lugar de destaque na historiografia brasileira do século XX ao resgatar – em obras já clássicas como *Da Senzala à Colônia* e *Da Monarquia à República*, ambas publicadas pela Editora Unesp – vozes marginalizadas pelos registros oficiais.

Seus escritos, além de serem referência para estudiosos, descortinam novos olhares para questões nacionais perenes, como o autoritarismo e a fraqueza das instituições democráticas. Ou seja, trata-se de uma trajetória intelectual provocativa e atuante, delineada de maneira clara em *Brasil: histórias, textos e contextos*, lançamento da Editora Unesp.

São aqui recuperados textos sobre a história do Brasil escritos em vários momentos, desde seus primeiros passos em busca do passado até os mais recentes, que datam da última década. Mas todos carregados de uma dramática contemporaneidade, como a defesa que faz

da universidade pública – tanto no discurso proferido quando da entrega do título de professor emérito na USP, quanto em “Globalização e reforma universitária: a sobrevivência do MEC-Usaid” –, vinculando-a a um processo econômico, político e social mais amplo, numa abordagem vital para os atuais debates sobre autonomia e financiamento do setor.

Dos dilemas do neoliberalismo aos sucessos e fracassos do mercado centro-americano, da reforma universitária às reflexões sobre a crise mundial da última década, Viotti concentra sua atenção em setores sociais ausentes nas grandes narrativas históricas.

Com isso, desmitifica concepções simplificadoras da história brasileira, possibilitando um esclarecimento profundo da identidade nacional, que leva a questionamentos essenciais para a compreensão do presente, investigando hábitos gerados e consolidados desde a época colonial e permitindo vislumbrar diferentes formas de imaginar o futuro. 



Brasil: história, textos e contextos, Emília Viotti da Costa, Editora Unesp, 352 p., R\$ 58,00

SOBRE A AUTORA

Emília Viotti da Costa, nascida em São Paulo, é formada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e livre-docente pela mesma universidade. Aposentada em 1969 pelo AI-5, lecionou em várias universidades dos Estados Unidos, entre as quais a Tulane University e a University of Illinois. Foi Full Professor na Yale University, onde lecionou por mais de duas décadas. Autora de várias obras, como *Da Monarquia à República* (2010), *A abolição* (2012) e *Da Senzala à Colônia* (2012) e *A dialética invertida e outros ensaios* (2014 – finalista do Prêmio Jabuti 2015), publicadas pela Editora Unesp, dirige também a Coleção Revoluções do Século 20.



A Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) é uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras, com destacada atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à comunidade. Mantida pelo Governo do Estado de São Paulo, é uma das três universidades públicas de ensino gratuito, ao lado da USP (Universidade de São Paulo) e da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Criada em 1976, há 40 anos, a partir de institutos isolados de ensino superior que existiam em várias regiões do Estado de São Paulo, a Unesp tem hoje 34 unidades em 24 cidades, sendo 22 no Interior; uma na Capital do Estado, São Paulo; e uma no Litoral Paulista, em São Vicente.

A foto que ilustra estas páginas diz respeito ao ato do governador Paulo Egydio de entrega à Assembleia Legislativa de São Paulo do Projeto de Lei do Poder Executivo número 539/75, propondo a criação da Unesp. Esse acontecimento ocorreu no dia 27 de outubro de 1975.

Os retratados são, da esq. para a dir.: Prof. Dr. Luiz Ferreira Martins, então coordenador da Cesesp e futuro reitor; Prof. Dr. Zeferino Vaz, reitor da Unicamp; Prof. Dr. Edson Machado de Souza, representante do CNPq; Dr. Manoel Gonçalves Ferreira Filho, vice-governador do Estado de São Paulo; Dr. Paulo Egydio Martins, governador do Estado de São Paulo; e Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, então secretário da Educação do Estado de São Paulo.





© Daniel Patire



Dagmar Aparecida
Cynthia França Hunger
é diretora da Faculdade
de Ciências da Unesp
de Bauru.

Este artigo
foi publicado
originalmente no
Estadão Noite de
2 de dezembro de 2015.

Em prol da consolidação da Universidade Pública

O professor de uma Instituição Universitária Pública se diferencia por estar imerso em suas atividades acadêmicas, científicas e administrativas, desenvolvendo e aperfeiçoando projetos coletivos de pesquisa básica e aplicada articulados à vida comunitária das pessoas, com o principal objetivo de disseminar novas ideias intelectuais, conhecimentos, valores, princípios, atitudes e ações que possam contribuir na resolução de questões problemáticas da sociedade brasileira e seus processos históricos nos campos da educação, saúde, tecnologias sociais, habitação, segurança etc.

O professor (ser psicossocial) e a/na sua Instituição Universidade são também sociedade, a qual, em sua essência, é propiciada e construída por nós brasileiros. Professores sabem que as Universidades são constituídas por grupos de pessoas que vivem numa teia de conflitos, interesses, necessidades, anseios e motivações e, o melhor, assim estão atentos ao jogo de tensões e poderes sociais, políticos, econômicos e culturais, para o estabelecimento de uma ou outra determinada concepção de educação superior e sociedade brasileira.

Mas, qualquer que seja o interesse, o fato é que Instituições Universitárias Públicas se diferenciam de outras instituições sociais, prioritariamente, em razão de seu eixo condutor, ou seja, o conhecimento científico, do qual o professor tem pleno domínio, sendo

ele uma autoridade e o principal responsável por garantir a formação de novas gerações de profissionais competentes.

E, nesse sentido, o perfil e o currículo do professor de uma Universidade Pública caracterizam-se por corresponder às exigências do mundo social e do trabalho em seu cotidiano acadêmico no que diz respeito à melhor docência, investigação, produção, propagação e aplicabilidade do saber científico, na busca da superação do senso comum, propiciando cultura erudita, autonomia profissional e a emancipação do ser cidadão brasileiro.

Mas há limites nas relações possíveis entre professores universitários e comunidades sociais, ou seja, a condição da Universidade Pública e suas possibilidades, diante dos parâmetros políticos de níveis estadual e nacional, de influenciar mudanças nos diferentes, variados, difíceis e complexos contextos sociais.

Enfim, o professor universitário pertence a uma teia de interdependências e seu poder é relacional e mutável, ou seja, dependente de circunstâncias apropriadas do seu tempo presente e de todos os indivíduos do seu grupo social. Imprescindível reunir as forças dos grupos de professores universitários, reitores, diretores, governadores, ministros, presidente, população etc. em prol da consolidação da Universidade Pública como uma instituição digna do saber científico e da formação diferenciada do cidadão. **UC**

Reconhecimento em diferentes frentes

Editora Unesp arrebatou prêmios conferidos por renomadas entidades

Prêmio Jabuti 2015, o mais importante no mercado editorial brasileiro, em duas categorias:



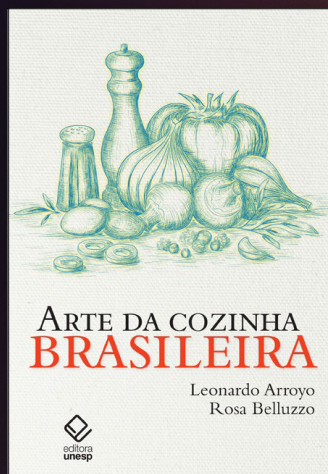
Políticas culturais e povos indígenas, de Manuela Carneiro da Cunha e Pedro de Niemeyer Cesarino (Selo Cultura Acadêmica), em Ciências Humanas
517 páginas | R\$ 69



Os pioneiros da habitação social no Brasil – Vol. 1, de Nabil Bonduki (coedição com Edições Sesc), em Arquitetura, Urbanismo, Artes e Fotografia.
388 páginas | R\$ 145



Melhor obra científica de Ciências Sociais 2015, para o livro **Democracia e representação**: territórios em disputa, de Luis Felipe Miguel, pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs)
336 páginas | R\$ 45



Prix de la Littérature Gastronomique 2015 para o livro **Arte da cozinha brasileira**, de Rosa Belluzzo e Leonardo Arroyo, pelas Academias Internacional e Brasileira de Gastronomia.
336 páginas | R\$ 78



Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Novos títulos de NORBERTO BOBBIO



Os poderes ocultos que corrompem a democracia

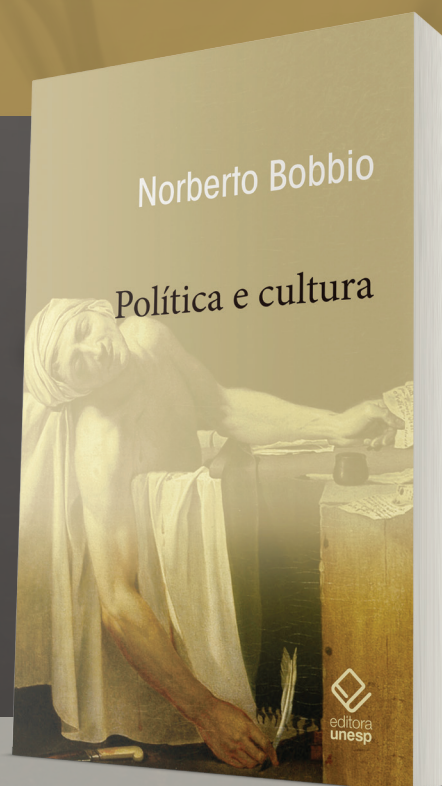
Um dos mais respeitados pensadores políticos contemporâneos, o italiano Norberto Bobbio (1909-2004) analisa como segredos, mistérios e funcionários corruptos ameaçam as instituições democráticas.

Democracia e segredo
88 páginas | R\$ 24

O intelectual no cenário político marcado pelo extremismo

Em tempos de fundamentalismos e intolerância, Bobbio atribui ao intelectual o papel de mediador, que trabalha tendo como referência a virtude da tolerância e, como método, o diálogo racional.

Política e cultura
424 páginas | R\$ 64



editora
unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br